

Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE): princípios e propostas



**Flávio Iassuo Takakura
Flávia Ceccon Moreira Gil
Cássia Maria Davanço,
Gustavo de Mello Duarte
(Organizadores)**

**Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE):
princípios e propostas**

**Juiz de Fora
ICE/NGIME/UFJF
2023**

**©2023 by Flávio Iassuo Takakura, Flávia Ceccon Moreira Gil,
Cassia Maria Davanço e Gustavo de Mello Duarte (Organizadores)
Carolina Lessa Cataldi, Cassia Maria Davanço, Flávia Ceccon Moreira Gil, Gustavo
de Mello Duarte, Letícia das Graças Rosignoli de Oliveira, Patrícia Rafaela Otoni
Ribeiro e Thereza Cristina De Souza Prata Oliveira (Equipe de publicações)**

Direitos desta edição reservados ao ICE/NGIME/UFJF.

Capa: Gabriel Schuery Custódio

Projeto gráfico, diagramação e editoração: Rogério Lêdo Matos | Estúdio Brio

Os textos são de total responsabilidade de seus autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Plano de atendimento educação especializado
(PAEE) [livro eletrônico] : princípios e
propostas / organização Flávio Iassuo
Takakura...[et al.]. -- Juiz de Fora, MG :
Estúdio Brio, 2023.
PDF

Vários autores.
Outros organizadores: Flávia Ceccon Moreira Gil,
Cassia Maria Davanço, Gustavo de Mello Duarte.
Bibliografia.
ISBN 978-65-997903-8-6

1. Atendimento Educacional Especializado (AEE)
2. Educação inclusiva 3. Pessoas com deficiência -
Acessibilidade 4. Pessoas com deficiência -
Educação 5. Tecnologia Assistiva (TA) I. Takakura,
Flávio Iassuo. II. Gil, Flávia Ceccon Moreira.
III. Davanço, Cassia Maria. IV. Duarte, Gustavo
de Mello.

23-163552

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Atendimento Educacional Especializado : Educação
inclusiva 371.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Instituto de Ciências Exatas

Diretor

Prof. Dr. Eduardo Barrére

Faculdade de Educação Física

Diretor

Prof. Dr. Jefferson Macedo Vianna

APRESENTAÇÃO

O livro “Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE): princípios e propostas” representa a diversidade de possibilidades de trabalho no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Sua origem está no resultado final do aprendizado construído ao longo do curso à distância de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com a Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação/MEC. O curso aconteceu entre novembro de 2022 e abril de 2023, totalizando 180 horas, distribuídas em onze disciplinas teórico-práticas que vão desde à adaptação ao ambiente virtual de aprendizagem (EaD), às Políticas Públicas de Inclusão e Acessibilidade Educacional, além dos temas concernentes ao AEE e o uso de tecnologias assistivas voltadas para as deficiências: física, visual, auditiva e intelectual e para as Altas Habilidades/Superdotação.

Em relação ao público-alvo desta formação continuada este se compôs de professor(a)s do Magistério da Educação Básica da Rede Pública de Ensino Municipal, Distrital, Estadual ou Federal de todo país, que tivessem experiência com o AEE, formação na área de Educação Especial (Graduação ou Pós-Graduação) e/ou atuassem com discentes com deficiência em contextos variados.

O objetivo geral do curso consistiu em capacitar professor(a)s a estimularem e intensificarem a participação das pessoas com deficiência nas aulas, sendo essa participação uma possibilidade de reconhecimento e viabilização da cidadania. Além disso, buscou promover um aprofundamento em conhecimentos teóricos e práticos relacionados às atividades para esse público e formar recursos humanos para desenvolvimento de programas e atividades inclusivas.

A partir de propostas que se destacaram entre muitas outras elaboradas durante o curso, os planos de ação apresentados nesta obra constituem um instrumento de planejamento de intervenção pedagógica para auxiliar o SAEE e devem ser vistos, como já mencionado, como possibilidades variadas e exemplos flexíveis de atuação com o(a)s aluno(a)s atendido(a)s nas salas de recursos multifuncionais de escolas regulares, sem terem a pretensão de fixar práticas, estratégias ou modelos a serem seguidos. Assim, não devem ser tratados como um material fechado, rígido, nem mesmo como um conjunto de informações sobre o aluno que obrigatoriamente precisa ser obtido. Ainda se faz importante res-

saltar, que, mesmo sendo apenas ideias de ações, antes de qualquer utilização ou mesmo adaptação dos planos apresentados, é fundamental a análise lúcida do contexto e ambiente para os quais se pretende usá-los.

Sendo assim, a primeira parte deste livro apresenta, resumidamente, os princípios teóricos de um PAEE, com orientações relacionadas à sua função, conteúdo e forma. Já a segunda parte contém sete trabalhos finais oriundos do trabalho de conclusão do curso do aperfeiçoamento, os quais trazem, em seu modelo, a descrição do caso escolhido para a elaboração do plano de atendimento e o planejamento desse atendimento, contendo os seguintes itens: identificação do(a) aluno(a), levantamento de suas necessidades, organização temporal do atendimento, conteúdos a serem trabalhados, habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem, prioridades no trabalho pedagógico, objetivos do plano de intervenção, estratégias, recursos, materiais e equipamentos para o desenvolvimento do plano de ação, métodos de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a) e do plano de intervenção pedagógica, finalizando com uma proposta de avaliação educacional a ser utilizada após a implantação da intervenção pedagógica.

Os autores dos PAEE apresentados neste livro representam uma amostra dos concluintes do curso, cujos trabalhos finais obtiveram destaques exitosos, a saber: Jorge Rosa, Elizandra Mendes Mathias Costa, Luciano Arcanjo de Melo, Rúbia Silva Santos, Sheila Silva de Carvalho Gonçalves e Silmara Gomes Vieira.

Para finalizar, cumpre ressaltar que cada PAEE, os apresentados aqui e os que poderão ser construídos com a ajuda deles, trata-se de um mecanismo em construção contínua e passível de revisões e adaptações, devendo ajustar-se às necessidades de cada rede de ensino, de cada escola, de cada professor(a) e, principalmente, da realidade e das necessidades educacionais de cada aluno(a) atendido(a).

Prof^ª. Dr^ª. Cassia Maria Davanço

Sumário

Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE): princípios	8
Entendimentos e Reflexões acerca de um Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE).....	9
Funções.....	9
Características	10
Formatos	11
Definição	12
Etapas de um Plano de Atendimento Educacional Especializado	13
Levantamento de dados	13
Plano Pedagógico	14
Reavaliação do PAEE.....	18
Outras considerações sobre o PAEE	19
Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE): propostas	21
PROPOSTA 01: caso “Patrícia”	23
Jorge Rosa.....	23
PROPOSTA 02: caso “Paulo”	39
Jorge Rosa.....	39
PROPOSTA 03: caso “D.I.A.”	46
Elizandra Mendes Mathias Costa.....	46
PROPOSTA 04: caso “SOL”	51
Rúbia Silva Santos	51
PROPOSTA 05: caso “A”	58
Silmara Gomes Vieira.....	58
PROPOSTA 06: caso “Menino X”	65
Luciano Arcanjo de Melo	65
PROPOSTA 07: caso “Vinny”	73
Sheila Silva de Carvalho Gonçalves.....	73
SOBRE OS AUTORES	77

***Plano de Atendimento Educacional
Especializado (PAEE): princípios***



Entendimentos e Reflexões acerca de um Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE)

Prof. Me. Gustavo de Mello Duarte

Para iniciarmos, consideramos importante ressaltar que as informações aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar o assunto, nem tão pouco se configurar como verdade absoluta sobre o tema. A finalidade é apresentar pontos importantes sobre o Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE), principalmente sobre sua elaboração, com uma linguagem acessível e de uma forma direta, para auxiliar aos muitos educadores que estão se aperfeiçoando nesta temática.

Além disso, também é necessário salientar que o foco motivador deste texto foi a experiência vivenciada na condução do curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado do qual ele se deriva. Assim, o embasamento principal foram as dúvidas, dificuldades e similares apresentados pelos cursistas durante a construção do PAEE como trabalho de conclusão no referido curso.

O caminho mais lógico para nossa “conversa” seria iniciar explicando o que é o PAEE, mas devido à natureza da abordagem, vamos primeiro falar de suas funções, e a partir dessa, concluir o que é um PAEE.

Funções

De modo resumido, o PAEE possui duas funções: a primeira é ser um aparato de natureza legal, um documento no sentido jurídico da palavra. O plano elaborado pode ser apresentado e usado por escolas e outras instituições, Secretarias de Educação, pais e familiares como um documento que comprovará que o aluno realmente está sob os olhares de uma Educação Especializada; a segunda e, a nosso ver, a mais importante, é ser um guia de trabalho, a ferramenta principal para o educador conduzir a tarefa da Educação Especializada.

O PAEE deve nortear, a todo momento, a atuação dos profissionais no tocante a esta especificidade da Educação. Esta função garantirá que o educador não se perca nem se confunda na condução educacional e agregará coerência e coesão em todas as fases deste processo educacional.

Características

Para que estas funções sejam realmente contempladas pelo plano, algumas características são muito importantes em sua elaboração e utilização durante todo o processo. Outras terão aspectos secundários e podem variar mediante muitos fatores. Começar dizendo que é incumbência do educador responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) a realização do plano, é destacar, segundo nossa visão, a sua primeira característica fundamental. Logo, esta função não deve ser terceirizada, muito menos deve-se utilizar um plano geral, supostamente aplicável a um grupo de alunos ou a todos os alunos de AEE. Isso fere a segunda das características fundamentais: o PAEE é individual, feito sob e para a realidade de um aluno específico, fundamentado em suas necessidades pedagógicas ou andragógicas e, obviamente, em sua deficiência.

Outra característica fundamental do plano é que ele deve ser dinâmico, ajustado às evoluções e ou dificuldades que se apresentarem no transcurso da Educação Especializada. Assim, deve, ao longo do tempo, sofrer atualizações, modificações e reformulações conforme for sendo colocado em prática, acompanhando, principalmente, as alterações nas necessidades ou prioridades educacionais do aluno em questão.

Seu dinamismo está, também, intimamente ligado a outra característica fundamental, ou seja, suas partes (levantamento de dados, plano de ação, reavaliação), das quais falaremos mais adiante, devem, primeiro, estar interligadas com coerência e coesão para que a proposta educacional faça sentido. A necessidade levantada deve estar contemplada no plano de ação e ter uma avaliação condizente. Desse modo, uma nova necessidade percebida modifica o plano de ação; e estes dois modificam a avaliação do processo, o que nos leva a apresentar uma outra característica indispensável durante a elaboração do PAEE: ele tem que ser factível. Este ponto pode parecer óbvio, mas nem sempre é, já que educadores tendem, muitas vezes, a pensar no melhor possível, pois é o que querem, mas pode ser que a realidade social e o sistema educativo não contemplem o melhor. Por esse motivo, a elaboração do plano deve estar fundamentada na realidade que o educador e a instituição em que trabalha tem dos mais variados recursos necessários para a implementação do PAEE.

O tempo, recursos materiais e humanos são fatores ímpares nesta factibilidade e, por isso, o PAEE deve ser elaborado para ser aplicado dentro do intervalo de tempo usual da escola ou instituição. O plano de ação e as avaliações devem estar alicerçados e, sobre-

tudo, possíveis de serem realizados dentro deste intervalo de tempo. Os recursos materiais descritos no plano devem ser os que se têm disponíveis na escola, assim como os profissionais que possam vir a ser necessários. Logo, se não tem um computador disponível, por que colocá-lo no plano? Se não se tem um linguista de sinais ou professor de Braille, por que o incluir no PAEE?

A factibilidade perpassa também pelo aluno: “será que dentro de suas limitações e potencialidades, ele tem ou terá condições de se envolver nas atividades e ações propostas no plano? Será que a avaliação prévia sobre a realidade deste aluno foi feita de forma a subsidiar realmente o plano?” Um plano que cumpra sua função instrucional deve estar pautado nas condições do aluno em se envolver e participar do que está sendo proposto.

Outra característica é a utilização de embasamentos teóricos claros e precisos, com respaldo científico, é fator que contribui, em muito, para todos os momentos de um plano que se encaminha ao seu objetivo didático. Questionamentos como: “por qual motivo adotar tal atividade? Qual a teoria, pensamento ou comprovação justificam o uso de uma ou outra atividade ou a delimitação de um objetivo? Será que é possível encontrar nas pesquisas científicas existentes qual atividade é mais indicada para cada deficiência ou características de tal deficiência?” devem ser constantes durante a elaboração e execução de um PAEE.

Assim, é perceptível que estudar é um dos requisitos primordiais para se iniciar a fundamentação de um PAEE, seja o estudo das deficiências, suas características e desdobramentos, seja sobre os métodos, técnicas e atividades didáticas mais adequadas para esta modalidade educacional e cada aluno atendido, além da importância de conhecer e compreender correntes de pensamentos de educadores direcionadas ao AEE. Não há como pensar em um bom Plano de Atendimento Educacional Especializado sem conhecimento para tal.

Vamos agora mencionar alguns aspectos que têm uma relação secundária com o PAEE e sua elaboração. E que, em geral, se relacionam muito pouco com o conteúdo e a substancialidade do plano. Estando mais relacionados com questões de escolha pessoal ou institucional.

Formatos

A forma (a estética) de um plano de atendimento e tudo relacionado a ela pode ser vista como secundária porque, na verdade, não existe uma definição absoluta sobre a for-

ma que um PAEE deve ter: se textual, em formulário, se de preenchimento ou de marcar opções. Tudo isso é uma questão de gosto e adaptação a um estilo por parte do educador e da instituição.

Até mesmo a realidade conjuntural do serviço pode ser levada em conta para se escolher qual a melhor forma, inclusive, a mescla de vários formatos diferentes em um mesmo PAEE é possível. Assim, sua estética é secundária ao seu conteúdo, sendo este, o ponto fundamental e terá atenção neste texto quando falarmos das partes de um PAEE.

Ainda em relação à estética, também podem ser observadas em quantas partes o plano se dividirá, quais as nomenclaturas de cada uma delas, enfim, aspectos que cabem ao gosto e preferência do educador e/ou instituição. Por isso, é válido consultar em seu local de atuação se há algum modelo de formatação a ser seguido.

Definição

Agora, finalmente, podemos dizer o que é um Plano de Atendimento Educacional Especializado, pois o conceito fará muito mais sentido. O conceito aqui apresentado é aliado pelas leituras realizadas para a redação deste texto e na vivência como tutor do curso. Adotar esta forma de conceito é mais uma maneira de aproximar todo o universo da AEE com seus leitores, através do uso de uma linguagem mais direcionada aos profissionais que atuam ou atuarão no AEE.

Acrescido a isso, o fato de que a literatura especializada, em geral, apresenta conceitos de PAEE mesclados ou inseridos em conceitos de outros termos deste âmbito educacional, o que dificulta, de certo modo, a adoção ou inserção destes de forma isolada ou ilustrativa, pois para fazê-lo teríamos que explicar outros conceitos ou alongar em excesso o texto que se apresenta.

Assim, baseados em sua finalidade máxima, dizemos que O PAEE é um instrumento norteador do atendimento educacional especializado, elaborado sobre a realidade do aluno a qual se destina, levando em consideração as condições para sua implementação e desenvolvimento.

A seguir, podemos começar a falar separadamente sobre cada uma das partes elementais que, em nosso entender, são imprescindíveis a todo PAEE. É válido ressaltar que, a depender do autor do referencial que se adote, podem haver mais partes ou mais subdivisões dentro de cada uma delas.

Etapas de um Plano de Atendimento Educacional Especializado

Acreditamos que um PAEE deve ter, fundamentalmente, três etapas ou momentos, mesmo que subdivididos. Essa divisão foi pensada tendo por alicerce a finalidade básica de cada uma destas partes, ao que elas se propõem e o que representam no todo do plano. Assim, adotamos nomes mais genéricos e que expressam sua finalidade no contexto geral do PAEE.

Levantamento de dados

Esta seria a primeira parte ou momento para a construção e elaboração de um PAEE. Aqui, o educador vai conhecer seu aluno e levantar suas necessidades educativas e potencialidades, pensando não só nas necessidades, mas igualmente nos pontos fortes que o aluno tem e que serão facilitadores da sua formação educacional.

Conhecer a deficiência do aluno, se congênita ou adquirida em decorrência de processos patológicos, sua história, a relação com a família e como ela interfere na forma como ele aprende ou não aprende, informações médicas, fisioterápicas, quais os sentidos físicos e/ou cognitivos estão adormecidos ou aguçados em detrimento a outro ausente pela deficiência e os mais variados aspectos secundários a esta deficiência são relevantes, ou seja, um olhar integral sobre a pessoa é o que devemos pretender ao levantar os dados.

O contexto social e familiar deve ser igualmente conhecido, e deles, destacados os aspectos que possam de alguma forma ser abordados no plano e estarem intrinsecamente associados ao processo educacional do aluno. Contudo, sabemos que lidar com questões familiares e sociais em nosso Brasil é um aspecto muito complexo e delicado, principalmente para os educadores, serviços e instituições que estão inseridos em contextos de vulnerabilidade social e familiar. Não existe um manual do que fazer, mas existe um limite profissional que todo educador deve conhecer e estabelecer para estas situações, como levantá-las e conhecê-las e saber como elas interferem no processo educacional do aluno. Contudo, não é no plano que elas devem ser abordadas, já que neles devemos nos ater aos seus aspectos de interferência pedagógica ou andragógica.

Um exemplo mais prático nos auxilia a entender melhor: imaginemos que o aluno do AEE more muito longe da escola, necessitando acordar muito cedo e, por isso, no momento da educação especializada, seu rendimento está prejudicado, pois ele está com sono. Isso

pode e deve estar registrado no levantamento do PAEE, mas, no que nos cabe intervir? Não podemos focar o plano em mudar a residência do aluno para mais próximo da escola; isso não cabe ao PAEE. No entanto, tentar mudar o horário da educação especializada para um momento em que o aluno esteja mais desperto, sim. Não resolvemos a questão social, mas com o foco direcionado às questões didáticas, conseguimos otimizar o atendimento educacional.

Temos que ter em mente que o levantamento de dados é a pedra fundamental de todo o PAEE. É a partir dele que todos os outros momentos serão embasados e todo o serviço será planejado inicialmente. Então, quanto mais rico e bem executado for este momento, maiores serão os subsídios para a elaboração das outras etapas.

Depois desse processo de conhecimento do aluno e de sua realidade, vem a delimitação de suas necessidades educacionais e pedagógicas, por exemplo, de escrita, de leitura, de aprendizagem, sejam elas cognitivas e/ou motoras sinestésicas. Todas as possíveis necessidades devem ser delimitadas de forma clara e precisa, para que, assim, possa ser iniciado o próximo passo dentro do levantamento de dados, que é a delimitação das prioridades.

Como já dissemos, um PAEE deve ser factível, em tempo e recursos. Logo, não serão todas as necessidades levantadas que poderão ser abordadas na confecção inicial do PAEE. Seria impossível trabalhar de forma qualitativa sem este pensamento. Desse modo, o educador, se valendo de sua experiência e de suas bases teóricas, deve traçar um limitado número de prioridades a serem abordadas neste plano. Quantas? Não há como dizer. Somente a relação entre a realidade do aluno e as condições do serviço poderão orientar o educador nessa definição.

Plano Pedagógico

Esse momento precisa ser subdividido, pois um plano de ação em si já compreende planejamento, execução e avaliação. Nesta fase, tendo por ponto de partida as prioridades definidas, vamos elaborar as demais etapas do PAEE, especificando ao máximo e da melhor maneira possível, o que fazer, como será feito e como serão mensurados os resultados obtidos em tudo o que foi feito.

É neste momento que a coerência e a coesão, já mencionadas, devem estar mais evidentes e mais bem trabalhadas. Todas as etapas do plano devem estar sincrônicas, para

que, na efetiva prática do atendimento educacional, todo o planejamento realizado faça sentido e se expresse em qualidade tanto para o aluno quanto para o educador, que se apoiará no plano construído para desenvolver o seu trabalho.

Sugerimos que o planejamento se inicie com a transformação de cada uma das prioridades delimitadas para um objetivo. Exemplo: imaginemos que uma das prioridades delimitadas para um aluno com déficit no controle dos movimentos dos membros superiores foi que ele consiga melhorar sua escrita com uso de dispositivos auxiliares. Temos, então, que transformar esta prioridade em um objetivo.

Academicamente, orienta-se que a formulação e escrita de um objetivo se inicie por um verbo no infinitivo que traduza a intenção primordial de tal objetivo e, por isso, sugerimos que a elaboração dos objetivos para o PAEE seja feita também desta forma, pois, com certeza, agregará clareza e objetividade ao documento. Assim, o objetivo para prioridade acima poderia ser: “aprimorar a escrita através do uso de dispositivos auxiliares.”

Repare o uso de um verbo, traduzindo uma ação, em uma frase curta, simples, clara e coesa. Todos os elementos na construção do objetivo estão interligados, construindo um único significado. É importante atentar-se que se, por qualquer motivo, for necessário o uso de dois verbos, na verdade, tem-se dois objetivos e, então, a definição da prioridade precisa ser revista, pois pode estar englobando duas prioridades em uma só.

Da mesma forma, o uso de muitos termos e muita explicação na formulação do objetivo pode indicar que existe uma confusão ou uma falta de delimitação e clareza também na formulação da prioridade ou, ainda, que as ideias não estão bem definidas para o educador alicerçar o PAEE. Uma releitura do levantamento de dados ou das bases conceituais podem ajudar neste caso.

Para a delimitação de objetivos é importante ter muito cuidado com o uso de proposições taxativas, como: “fazer o aluno escrever melhor”; “proporcionar o domínio de um dispositivo de auxílio à escrita” e outros dessa natureza, pois tais proposições remetem à uma rigidez de pensamento e talvez, de ações, que não estão em consonância com o Atendimento Educacional Especializado e, em geral, não são factíveis, já que tendem a não serem alcançadas.

Com o objetivo delimitado, o passo seguinte do planejamento é deixar claro o que e como será feito. Podemos dizer que essa fase é para explicitar a operacionalização. Respondendo a estes questionamentos, será possível manter a coerência e a coesão entre as

partes do PAEE.

Continuando com o exemplo acima do objetivo traçado: “aprimorar a escrita através do uso de dispositivos auxiliares”, poderíamos ter, para a primeira pergunta “o que faremos”: introduziremos dispositivos auxiliares de escrita, dos modelos A, B, C, na prática de escrita do aluno, um por vez, buscando detectar aquele ao qual o aluno melhor se adapta; e para a segunda pergunta “como faremos”: iniciaremos com o modelo A, por acreditar ser o modelo que melhor se adapta às necessidades e potencialidades do aluno. O contato inicial será em escrita livre, verificando a adaptabilidade do aluno ao dispositivo. Havendo adaptação, seguiremos, nos dois próximos encontros, com exercícios de escrita dirigida em tamanho aumentado associados à escrita livre. Não havendo adaptação, no próximo encontro faremos a introdução de outro dispositivo e reiniciaremos o processo até ser definido o dispositivo ao qual o aluno se adapta melhor. Gradualmente, nos encontros subsequentes iremos diminuindo o tamanho da fonte dos exercícios, sempre em associação com a escrita livre, buscando aprimorar a capacidade de escrita e o domínio do dispositivo.

Embora seja um exemplo simples, acreditamos que ele ilustra o que deve ser a delimitação da operacionalização de um objetivo. E para cada uma das necessidades delimitadas, traçamos um objetivo e sua operacionalização. Lembrando que junto a essa operacionalização, os recursos e materiais necessários ao processo devem ser descritos, deixando bem claro o que vai ser preciso para cada uma das etapas de ação. Isso é fundamental para a organização dos encontros, do atendimento ao aluno e da gestão do serviço de atendimento educacional especializado.

Mais um aspecto do planejamento a ser ressaltado é a delimitação temporal das atividades, através de um cronograma, seja do número de encontros que serão dedicados a uma atividade, seja para delimitar a sequência dos objetivos. Esse cronograma pode ser feito na composição textual ou em separado em um outro momento, retornando, assim, questão de estética e forma do PAEE. A delimitação temporal é imprescindível para a correta elaboração do plano de atendimento e sua efetiva implementação e condução.

Então, para o exemplo utilizado até aqui, poderíamos prever que no primeiro encontro com o aluno precisaríamos dos dispositivos de auxílio à escrita e um caderno ou folhas pautadas para a realização dos exercícios de escrita. Já para o segundo encontro, poderiam ser usados os dispositivos, folhas pautadas ou o caderno e moldes tracejados de palavras em fonte número 48 para prática de escrita do aluno.

Terminado o planejamento, passaríamos à execução, e pautados neste, daríamos início ao AEE na sala de recursos multifuncionais. Teorizar e discorrer sobre a execução de um PAEE é contraproducente, pois, como já mencionamos, é na concretude da realidade que tudo acontece. Cabe reafirmar que a adaptabilidade do que foi inicialmente planejado será fator determinante na condução da execução do PAEE. Ser fiel ao planejado sem “abrir mão” de mudar, adaptar sempre que necessário.

Chegamos, assim, à etapa final do plano de ação que é a avaliação dos resultados, ou seja, quais serão os parâmetros utilizados para dizer se o objetivo junto ao processo educacional do aluno foi alcançado totalmente ou parcialmente, com avanços ou sem o alcance do objetivo. Nesse momento, mais uma vez, a fundamentação teórica e o conhecimento devem auxiliar o professor na delimitação de métodos avaliativos que realmente mensurem o que precisa ser verificado. Devemos ter em pensamento que, devido as suas peculiaridades, o Atendimento Educacional Especializado requer formas de avaliação que ultrapassem os conceitos clássicos de avaliar, pois as avaliações clássicas nem sempre são parâmetros de qualidade e de objetivo alcançado.

Com isso, graduar a avaliação em vários níveis é um recurso valiosíssimo para saber quais, como e quanto o aluno conseguiu evoluir e se aprimorar rumo a um objetivo almejado. Destacar os dificultadores e facilitadores de aprendizado apresentados pelo aluno também pode fazer parte do processo avaliativo. A mescla de métodos e formas de avaliação que consigam conjugar quantidade e qualidade do que foi produzido pelo aluno é bem-vinda, pois conseguem traduzir melhor a relação entre aspectos objetivos (quantitativos) com aspectos subjetivos (qualitativos).

Para nosso exemplo, os critérios de avaliação adotados poderiam ser: 1) subjetivamente: a percepção do educador sobre a adaptação a um dispositivo e a desenvoltura, do aluno, no uso do mesmo no decorrer dos encontros, através de registros durante as atividades; 2) concretamente: uma comparação qualitativa entre os exercícios de escritas produzidos ao longo do AEE. É possível perceber que foi possível delimitar parâmetros claros e abrangentes de avaliação, de forma coerente, envolvendo aspectos objetivos e subjetivos, capazes de mostrar ou não uma evolução.

Assim, findamos a explanação do que seria, a nosso ver, um plano de ação. Embora possa parecer simples, é importante considerar que há vários detalhes específicos. Se pensarmos em cinco, talvez seis necessidades delimitadas ou necessidades mais complexas

que envolvam conteúdos escolares, veremos que a elaboração ganha contornos mais complexos, demandando mais trabalho e atenção na elaboração, redação e fundamentação dessa etapa, que é o cérebro e o coração do PAEE.

Vale ainda salientar que a família e outros profissionais que também atuam com o aluno, podem e devem ser envolvidos no AEE e, portanto, estarem mencionados e especificados na confecção do plano, ressaltando a necessidade deste envolvimento e como ele ocorrerá nas atividades.

Reavaliação do PAEE

Já mencionamos anteriormente e reforçamos agora que um PAEE deve ser dinâmico e fluido, estando constantemente em ajuste mediante ao que vai acontecendo durante os atendimentos, mantendo-se, desta forma, eficiente e direcionado às necessidades e potencialidades do aluno durante seu processo instrucional formativo.

Contudo, o semestre ou período letivo terminará e, conseqüentemente, a vigência estabelecida para o PAEE também. Por esse motivo, ele precisará passar por uma reavaliação geral, quando o educador deverá detectar se e quais objetivos foram alcançados e se não, por qual(is) motivo(s); os avanços do aluno em cada uma das prioridades delimitadas; se surgiram outras necessidades durante o processo e quais são elas; se o aluno demonstrou outras potencialidades e quais são elas, entre muitos outros detalhes passíveis de observação.

O grande desafio é como fazer isso de forma assertiva ao final de um longo período, com muitos encontros, vários alunos (embora cada PAEE seja individual, vários alunos podem ser atendimentos no mesmo ano, de acordo com a demanda da escola/instituição), em meio a tantas outras atividades e acontecimentos. Assim, o primeiro facilitador, que aliás, já foi mencionado, é a atualização e os ajustes sistemáticos no plano de atendimento conforme ele vai sendo desenvolvido, mantendo seu dinamismo e adaptabilidade constantes ao que for acontecendo em cada encontro com cada aluno.

Outro facilitador é a sugestão de se manter um registro sistemático de cada um dos encontros, com cada um dos alunos, o que, ao final, poderá ser um grande relatório de condução do AEE e de utilização do PAEE. Além de atender a todas as necessidades no tocante ao aprimoramento do plano e sua reformulação, tal relatório também poderá servir para aspectos administrativos, como a possível transferência do aluno para outra institui-

ção, a troca do educador responsável pela condução do AEE do aluno, sem contar a sua utilização em situações jurídicas, onde tudo isso deverá ser usado como documentação.

Muitas outras formas de registro da condução do AEE e da utilização do PAEE podem ser utilizadas. Contudo, assim como as normativas advindas do Ministério da Educação orientam que o responsável pela elaboração do plano é o educador que o desenvolverá, ela diz que estes registros são obrigatórios e não podem ser deixados de lado.

Depois de reavaliar o PAEE como um todo, é importante emitir um relatório final a ser apresentado à escola, Secretarias de Educação ou outros departamentos responsáveis por essa área, mas, principalmente, à família do aluno. É, a nosso entender, uma legitimação de um direito e uma forma de acolhimento e demonstração de que realmente ele está tendo suas particularidades vistas de forma integral.

Outras considerações sobre o PAEE

Trabalhar com educação no Brasil, um país repleto de contradições e questões sociais, é sempre um desafio. Se pensarmos no Atendimento Educacional Especializado, este desafio educacional ganha contornos ainda maiores e agravados substancialmente na Educação Básica, pois é nela que tudo deveria se iniciar.

Qualquer esforço e dedicação em prol do AEE já é capaz de produzir resultados de grandes proporções, mesmo que em contextos limitados, ainda que seja só para o aluno ou sua família, que seja só a certeza para uma mãe de que seu filho está recebendo algo direcionado às suas necessidades.

Por isso, qualquer passo em direção ao aperfeiçoamento e melhoria de qualquer aspecto inerente ao AEE significa muito dentro deste universo. Qualquer conhecimento e prática a mais ou intenção em ser e fazer melhor já indicam o trilhar de um caminho exitoso.

Esperamos ter atingido o proposto e que este texto se configure como uma ajuda a todos que necessitem de auxílio no tocante à elaboração ou um melhor entendimento sobre um Plano de Atendimento Educacional Especializado.

E que, a iniciativa do curso, depois da produção deste e de outros materiais advindos dele, incluindo este livro, possa representar mais alguns passos neste caminho de sucesso. E convidamos cada profissional a trilhar este caminho, a fazer melhor, a fazer diferente no AEE.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. 4.ed. Brasília: MEC; SEESP, 2001. 79 p. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seesp/ftp/Diretrizes.pdf>>. Acesso em 21 de maio de 2023.

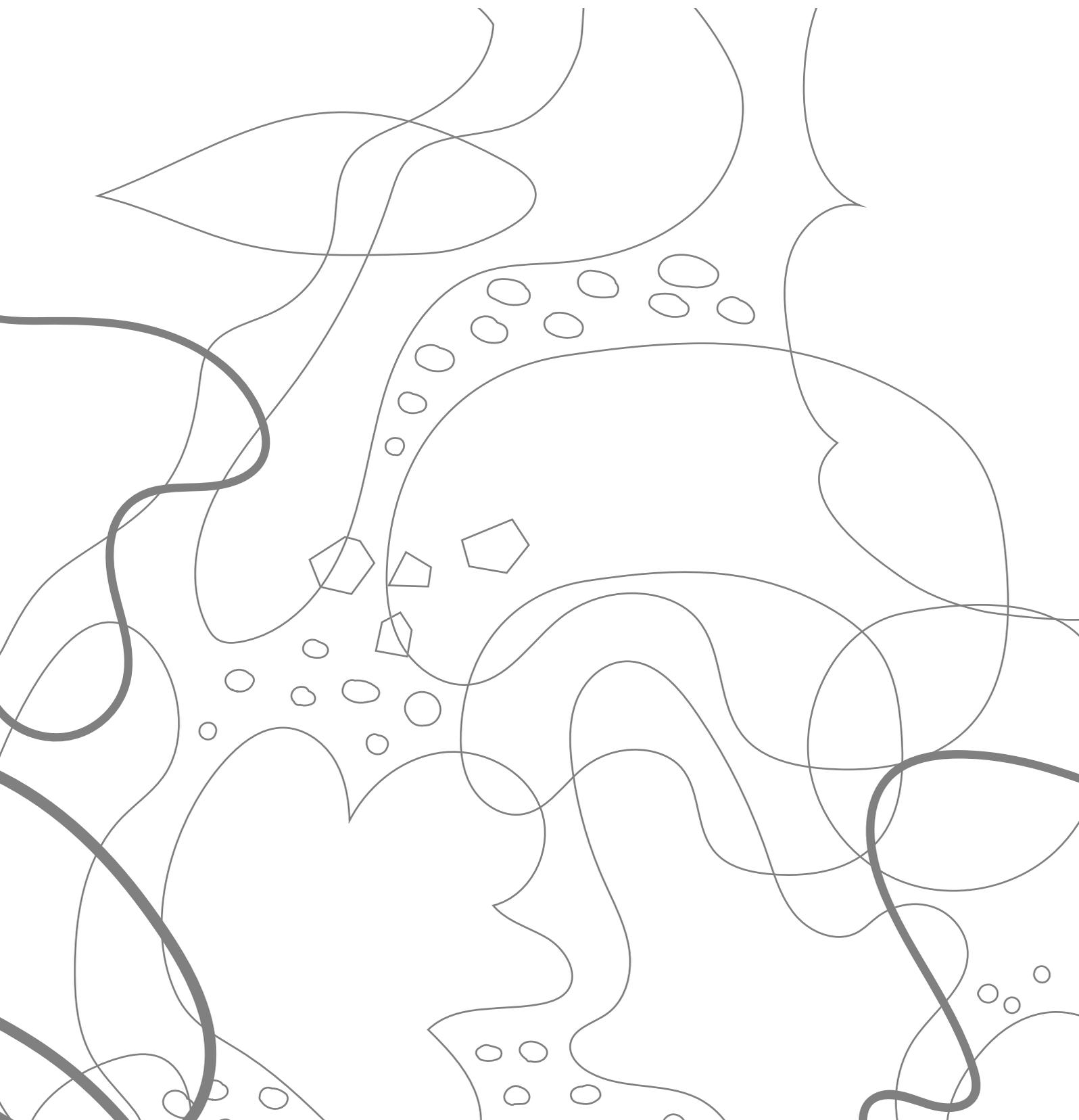
CIVIL, Casa et al. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

POKER, Rosimar Bortolini et al. **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado**. Editora Oficina Universitária, 2013.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em:<<http://www.mec.gov.br>> , acesso 22 de maio de 2023.

SCHERER, Renata Porcher; HEINLE, Vivian. **Plano Nacional de Educação, atendimento educacional especializado e inclusão: uma análise crítica**. TEXTURA-Revista de Educação e Letras, v. 21, n. 48, 2019.

***Plano de Atendimento Educacional
Especializado (PAEE): propostas***



Nesta parte do livro, serão apresentados os sete Planos de Atendimento Educacional Especializado elaborados como trabalho final do curso à distância de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE), considerados uma amostra exitosa do desempenho dos cursistas.

Nos dois primeiros planos de atendimento, os casos se referem a uma aluna e um aluno, respectivamente, ambos com Deficiência Visual, entre outras características. O terceiro PAEE é uma proposta de atendimento de uma aluna com Deficiência Intelectual, assim como o quarto PAEE. Já o quinto trata-se de um caso sobre uma aluna com Deficiência Auditiva. Os dois últimos planos são direcionados a dois alunos com Altas Habilidades/Superdotação.

É importante informar que o primeiro plano se difere dos demais PAEE porque, além das propostas de trabalho para a aluna estudada, o autor traz também algumas sugestões gerais que podem ser usadas para o trabalho de AEE em diferentes situações. Os demais apresentam o planejamento específico para cada aluno.

Os casos que subsidiam cada planejamento são reais, o que confere ainda mais credibilidade e factibilidade às propostas. Entretanto, devido ao tempo hábil e às restrições do próprio curso de aperfeiçoamento, a seleção dos alunos público-alvo do AEE para a elaboração da proposta se deu de forma indireta. Isso significa que não foi desenvolvida uma pesquisa de campo em determinada escola e que os cursistas não tiveram contato com os alunos. As informações foram levantadas em pesquisas bibliográficas, fundamentadas em publicações divulgadas em domínio público e já estudadas por pesquisadores e/ou educadores. Por isso, cada proposta inicia com um resumo do “caso”, com a indicação da referência onde pode ser encontrado o artigo na íntegra. A partir das informações obtidas nestes textos, as propostas foram construídas.

A seguir, os PAEE:

PROPOSTA 01: caso “Patrícia”

Jorge Rosa

OCASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Este caso é sobre Patrícia (nome fictício), uma menina de 6 anos que enfrenta algumas dificuldades motoras e baixa visão moderada e está cursando o primeiro ano escolar.

É integrada à turma e realiza as mesmas atividades que os demais colegas, mas com as modificações necessárias para garantir sua acessibilidade, por exemplo, a leitura de textos em Braille, o uso de lupas para ampliar imagens e a utilização de materiais táteis para ajudar na compreensão de conceitos abstratos.

Patrícia está em fase de aprendizagem, mas já sabe reconhecer a letra L, o que representa uma grande conquista para ela. Destaca-se na habilidade de jogar jogos de alfabeto, mostrando uma capacidade de aprendizado interativo.

Também demonstra gosto por jogos de memória, que pode ser uma excelente ferramenta para melhorar sua capacidade de concentração e memorização. Além disso, ela se identifica com o filme “A Bela e a Fera”

da Disney, um conto de fadas que desperta sua imaginação e criatividade. Essas observações ressaltam a importância de reconhecer as habilidades e interesses individuais dos alunos, independentemente de suas limitações.

A aluna mostra-se muito esforçada, dedicada e determinada a superar todos os obstáculos que encontra em seu caminho. Ela precisa de ajuda para realizar atividades de recorte, colagem e escrita em seu caderno com linhas ampliadas. Apresenta-se muito ativa e participa das atividades escolares com a ajuda de seus colegas e professores.

Como Patrícia ainda não está alfabetizada, sua inclusão no primeiro ano da escola foi um desafio para ela e seus colegas. Ela chorava muito no início, mas depois que um dos coleguinhos se propôs a ajudá-la, ela foi adquirindo confiança. Com o tempo, as outras crianças foram se acostumando com as dificuldades dela e passaram a ajudá-la também.

Apesar de suas dificuldades, Patrícia é uma criança atenciosa e participativa. Ela adora pintar, mesmo sem apresentar limites no papel ou identificar cores e gosta muito de cantigas e dançar. Sua comunicação expressiva e receptiva por meio da fala é adequada para sua idade.

REFERÊNCIA DO CASO:

SALES, Adriana Jacqueline. Inclusão escolar de alunos com baixa visão utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Caxias do Sul, 2012. 68 p. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PLANO (PAEE)

Identificação do estudante

Nome do estudante: Patrícia

Idade: 6 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Deficiência Visual

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento: Anual

Tempo de atendimento: 2 horas por dia de atendimento

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

Objetivo geral:

Desenvolver as habilidades socioemocionais, cognitivas e de comunicação de Patrícia, a fim de promover sua inclusão e autonomia em diferentes contextos.

Objetivos Específicos:

- Melhoria das habilidades comunicativas, incluindo a expressão verbal e não verbal e a compreensão por meio de TICs ou tecnologias assistivas (TA).

- Desenvolvimento da autonomia da Patrícia, ajudando-a a adquirir habilidades básicas de cuidado pessoal e a lidar com situações do cotidiano, tornando a aluna mais independente dos colegas.

- Estímulo da interação social ao promover oportunidades para que interajam com os colegas em atividades coletivas.

- Fomento da alfabetização da Patrícia, ajudando-a a reconhecer e a lidar com suas emoções e sentimentos e inquietações.

Durante o atendimento, serão desenvolvidas atividades pedagógicas específicas, considerando suas necessidades e potencialidades, como o uso de novas tecnologias já disponíveis, porém não utilizadas. Além disso, serão utilizados recursos e estratégias pedagógicas diversificadas, como jogos, atividades lúdicas, materiais adaptados, dentre outros, de forma a tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e prazeroso para a aluna

Conteúdos a serem trabalhados:

- Desenvolvimento da linguagem;
- Comunicação;
- Compreensão de sinais e símbolos;
- Desenvolvimento da linguagem não verbal;
- Estimulação da expressão criativa, dentre outros.

Cognição:

- Desenvolvimento do raciocínio lógico;
- Resolução de problemas;
- Estimulação da memória;
- Desenvolvimento da criatividade.

Autonomia:

- Habilidades de cuidado pessoal;
- Lidar com situações do cotidiano;

- Uso de recursos tecnológicos;
- Promoção de independência.

Interação social:

- Estimulação de atividades em grupo;
- Trabalho em equipe;
- Promoção de amizades;
- Desenvolvimento da empatia.

Emoções:

- Reconhecimento de emoções;
- Identificação e expressão de sentimentos;
- Desenvolvimento da autoestima;
- Desenvolvimento de habilidades de resiliência.

Prioridades no trabalho pedagógico

O Plano de Atendimento Educacional Especializado para Patrícia será elaborado de acordo com as suas necessidades individuais, considerando as dificuldades associadas à sua condição de limitação de locomoção e falta de alfabetização. As atividades serão planejadas visando melhorar a sua autoestima e autoconfiança, proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para lidar com os desafios acadêmicos e pessoais. Assim, as prioridades no trabalho pedagógico serão as seguintes:

- Estimular o desenvolvimento das habilidades cognitivas, como a memória, a atenção, a percepção, a linguagem, a resolução de problemas e o raciocínio lógico;
- Promover a autonomia da aluna em atividades básicas de cui-

dado pessoal, como se vestir, se alimentar, ir ao banheiro, entre outras, além de incentivar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais;

- Trabalhar o desenvolvimento da leitura e da escrita, com o objetivo de favorecer a comunicação e a expressão oral e escrita da aluna, além de possibilitar sua inserção em atividades acadêmicas e culturais;
- Desenvolver estratégias pedagógicas que facilitem a aprendizagem da aluna e sejam adequadas às suas necessidades específicas, como o uso de recursos pedagógicos diferenciados, a utilização de jogos e atividades lúdicas, o ensino por meio de projetos e o uso de tecnologias assistivas;
- Trabalhar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais da aluna promovendo a autoestima, a autoconfiança, o respeito às diferenças e a inclusão social;
- Promover a articulação entre a escola regular e o AEE, para que a aluna possa se beneficiar de ambos os ambientes e se desenvolver integralmente.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

O Plano de Intervenção Pedagógica é elaborado de acordo com as necessidades individuais e objetivos específicos da aluna e deverá incluir a criação de um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), desenvolvimento de estratégias de ensino personalizadas, a realização de atividades socioeducativas, a promoção da inclusão e desenvolvimento pessoal da aluna. O PDI norteará o trabalho educacional levando em consideração as necessidades especiais, como a DV e a locomoção limitada de Patrícia, buscando proporcionar-lhe as ferramentas necessárias para lidar com os desafios acadêmicos e pessoais, bem como melhorar a sua autoestima e autoconfiança tendo por escopo:

- Desenvolver as funções cognitivas, motoras, visuais, auditivas e

sociais por meio de atividades específicas e adaptadas às suas necessidades individuais;

- Priorizar conteúdos e objetivos relacionados à leitura, escrita, comunicação, matemática e habilidades socioemocionais, com base na avaliação do caso e no tipo de deficiência apresentada;
- Promover a inclusão no ambiente escolar e na sociedade por meio de atividades que estimulem sua autonomia, independência e participação ativa em diversas situações;
- Estimular o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, por meio de atividades que promovam a comunicação e a interação social;
- Desenvolver a coordenação motora fina e grossa, por meio de atividades que trabalhem a manipulação de objetos, jogos e brincadeiras;
- Estimular a percepção visual e auditiva, por meio de atividades que envolvam cores, formas, texturas, sons e ritmos;
- Promover a socialização, por meio de atividades que favoreçam a interação com seus pares, a expressão de emoções e sentimentos e o respeito às diferenças;
- Estimular o raciocínio lógico-matemático, por meio de atividades que envolvam a resolução de problemas, a contagem, a identificação de formas geométricas e a comparação de quantidades;
- Desenvolver a autonomia e independência em situações guiadas pelo professor, por meio de atividades que trabalhem a organização pessoal, o planejamento de tarefas e a tomada de decisões;
- Promover a autoestima e a autoconfiança através de atividades que valorizem suas habilidades e potencialidades, e que incentivem a superação de dificuldades e desafios.

O PAEE é de fundamental importância para a promoção da inclusão escolar e social dos alunos com necessidades educacionais especiais, contribuindo para a sua formação integral e para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Estratégias

Para atender às necessidades educacionais específicas apresentadas pela Patrícia, serão desenvolvidos procedimentos pedagógicos personalizados, que levem em consideração as suas condições e dificuldades individuais. Serão realizadas atividades socioeducativas para promover a inclusão e o desenvolvimento pessoal da aluna, além de estratégias de ensino que visem ao seu progresso acadêmico. Também serão feitas adequações e adaptações, como a simplificação de atividades para Patrícia, a fim de garantir que ela possa participar plenamente das atividades escolares e obter o máximo de aprendizado possível.

Estratégias:

- Estimular, além da imaginação e criatividade, a capacidade inata de aprendizagem da Patrícia de forma interativa em áreas que demandem concentração e memória.

Avaliação diagnóstica: Realizar uma avaliação diagnóstica para identificar as necessidades educacionais específicas da estudante, por meio do PDI e planejamento das ações a serem desenvolvidas.

Como: Utilizar instrumentos de avaliação pedagógica, psicológica e fonoaudiológica, quando necessário, e analisar os resultados para definir as estratégias e ações mais adequadas.

Atendimento individualizado: Oferecer atendimento individualizado à aluna para desenvolver habilidades e competências específicas.

Como: Oferecer atividades que levem em consideração o nível de desenvolvimento da aluna e as necessidades educacionais específicas, tais como: atividades de leitura, escrita, matemática, habilidades sociais, entre outras.

Trabalho em grupo: Proporcionar atividades em grupo para desenvolver habilidades sociais, cognitivas e emocionais.

Como: Criar situações de aprendizagem que envolvam interação social e promovam a participação e colaboração dos alunos, tais como jogos cooperativos, debates, discussões em grupo, entre outras.

Atividades a serem desenvolvidas no atendimento à aluna:

- Desenvolvimento de habilidades motoras e sensoriais;
- Estimulação da coordenação motora e da percepção tátil;
- Utilização de materiais adaptados para o aprendizado, como livros em Braille, áudio-books, mapas táteis, etc.;
- Desenvolvimento da leitura e da escrita em Braille;
- Estimulação do uso de recursos tecnológicos assistivos, como softwares de voz, ampliadores de tela, etc.;
- Desenvolvimento de habilidades de orientação e mobilidade, incluindo treinamento para o uso de bengala e outras técnicas de locomoção.

Adequações/adaptações:

- Adaptação dos materiais didáticos para a leitura em Braille ou em áudio;
- Utilização de recursos de acessibilidade nos espaços físicos, como piso tátil, sinalização em Braille e outros.
- Material em Braille: uma estratégia importante é a produção de materiais didáticos em Braille, que permitirá à aluna com DV ler e aprender como os demais alunos. Essa adaptação pode incluir livros, apostilas, folhetos e outros materiais utilizados na escola.
- Audiodescrição: uma técnica que pode ser utilizada em filmes, vídeos, peças teatrais e outras atividades na sala de atendimento do AEE ou na sala comum. Com a Audiodescrição, a aluna com Deficiência Visual pode participar de atividades culturais e de entretenimento como os demais alunos.

- Tecnologia assistiva: pode-se incluir uma variedade de recursos e equipamentos que podem ajudar alunos com deficiência visual a realizar tarefas na escola. Alguns exemplos incluem leitores de tela, softwares de ampliação de tela, lupas eletrônicas e sistemas de navegação por voz. Essas tecnologias podem ser utilizadas para acessar informações, realizar pesquisas e outras atividades educacionais.

- Ambiente escolar acessível: importante para garantir que o ambiente escolar seja acessível aos alunos com deficiência visual. Pode incluir instalação de corrimãos nas escadas, sinalização tátil nos corredores e banheiros, piso tátil nas áreas externas e adaptação dos materiais de comunicação visual, como placas e cartazes, para o Braille ou para o uso de letras ampliadas. Além disso, a escola também pode promover a conscientização e a sensibilização dos demais alunos e funcionários em relação à Deficiência Visual e à inclusão

Recursos, materiais, equipamentos

Recursos:

- Livros em Braille: podem ser adquiridos ou produzidos por transcritores especializados.

- Materiais auditivos: materiais auditivos, como gravações de livros, palestras e aulas podem ser utilizados para complementar os livros em Braille e permitir uma experiência mais completa de aprendizagem.

- Tecnologia assistiva: existem diversos softwares e aplicativos disponíveis para auxiliar no processo de aprendizagem de pessoas com Deficiência Visual. Entre eles, podemos citar os leitores de tela, que transformam o texto em voz e as lupas eletrônicas, que ampliam e iluminam o material impresso.

- Jogos e materiais sensoriais: jogos e materiais sensoriais são

recursos importantes para o desenvolvimento da percepção tátil e auditiva. Eles podem ser utilizados para trabalhar habilidades como coordenação motora, memória e raciocínio lógico.

Materiais:

- Papel sulfite: utilizado para a produção de material em Braille, em impressora especializada.
- Canetas e lápis táteis: canetas e lápis táteis permitem que o aluno com Deficiência Visual escreva em Braille e em relevo.
- Mapas e gráficos em relevo: mapas e gráficos em relevo permitem que o aluno com DV visualize informações espaciais e geográficas.

Equipamentos:

- Impressora Braille: impressora que é uma ferramenta essencial para a produção de material em Braille, ainda muito cara e fora da realidade de nossas escolas brasileiras.
- Máquina de escrever Braille: utilizada para produzir material em Braille por meio da escrita manual.
- Lupa eletrônica: recurso que amplia e ilumina o material impresso, permitindo que o deficiente visual o visualize com mais clareza.
- Leitor de tela: um software que transforma o texto em voz, permitindo que o deficiente visual o escute.

Na adaptação de materiais, será importante considerar a necessidade de alterações em formatos, tamanhos, cores e disposições de elementos para que eles sejam acessíveis ao deficiente visual. Alguns exemplos de adaptações incluem a produção de material em fontes ampliadas e contrastantes, a adição de etiquetas em relevo em materiais como caixas de alimentos e medicamentos, entre outras.

É importante ressaltar que a disponibilidade de recursos, materiais e equipamentos pode variar. Em um cenário ideal, o Plano de Atendimento Educacional Especializado para deficientes visuais deve incluir:

1. Acesso a tecnologias assistivas: isso inclui softwares de leitura

de tela, como o JAWS e o NVDA, que permitem que os alunos com DV possam acessar e navegar na Internet e em outros softwares de computador.

2. Aplicativos de comunicação, como o Proloquo2Go que permite a comunicação por meio de imagens e símbolos e softwares educativos como o Office Kids.

3. Professores e instrutores capacitados: é fundamental que os professores e instrutores que trabalham com alunos com deficiência visual recebam capacitação para trabalhar com esses alunos e para adaptar o material de ensino de forma adequada

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

Ao término do período letivo, haverá uma avaliação com o objetivo de verificar o avanço da estudante e avaliar a eficácia das estratégias e recursos utilizados no atendimento. Essa análise tem como finalidade, promover melhorias no processo educacional, garantindo um atendimento cada vez mais qualificado e adequado às necessidades individuais de cada aluno como mencionado.

A avaliação será realizada continuamente, a fim de verificar o progresso da aluna e ajustar o plano de atendimento, conforme necessário, evitando-se uma avaliação unilateral e quantitativa.

Enumera-se aqui, algumas estratégias de avaliação que podem ser utilizadas:

1. Observação direta: um olhar atento à aluna em aula pode ser uma maneira eficaz de avaliar seu progresso. O professor pode observar a participação dela nas atividades, seu comportamento em sala de aula, sua compreensão dos conteúdos trabalhados, entre outros aspectos.

2. Provas adaptadas: recurso importante para avaliar o conheci-

mento da aluna em questão. Algumas adaptações podem incluir o uso de provas adaptadas, o uso de gravadores de voz para respostas orais, entre outras.

3. Trabalhos práticos: outra maneira eficaz de avaliar o progresso em atividades específicas. O professor pode pedir à aluna para fazer trabalhos manuais, trabalhos em grupo ou outras atividades que envolvam a aplicação prática dos conceitos trabalhados.

4. Feedback regular: parte crucial do processo de avaliação, onde o professor deve fornecer informes regulares sobre o desempenho da aluna, destacando suas realizações e apontando áreas onde ela precisa melhorar.

Além disso, o plano de intervenção pedagógica deve ser revisado regularmente e atualizado de acordo com o progresso da aluna. É importante que o plano seja flexível e adaptável às necessidades individuais da aluna. O professor deve trabalhar em colaboração com a equipe multidisciplinar e com a família da criança para garantir que o plano seja eficaz e esteja ajudando-a a alcançar seu máximo potencial.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

A avaliação da aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais requer uma abordagem cuidadosa e individualizada, que leve em conta as especificidades de cada caso. Para Patrícia, que enfrenta dificuldades motoras e baixa visão moderada, a avaliação somativa deve contemplar o uso de tecnologias assistivas, avaliação da compreensão de leitura e outras habilidades cognitivas relevantes. É fundamental que a avaliação esteja adaptada às necessidades específicas de cada aluno, a fim de garantir uma avaliação justa e precisa de suas habilidades e competências. E, também, que ela estabeleça parâmetros para futuras avaliações.

Em termos práticos, a avaliação somativa terá como objetivo verificar se os objetivos educacionais definidos no plano de atendimento foram alcan-

çados ao final do período de intervenção pedagógica. Para isso, será realizada uma avaliação por meio de instrumentos formais e informais de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Tal avaliação será feita em conjunto com a equipe pedagógica e o professor de educação especial. Serão avaliados o desempenho acadêmico, as habilidades socioemocionais e a evolução do processo de aprendizagem de cada aluno:

- Verificação das habilidades e competências adquiridas pelos alunos ao final do processo;
- Inferir se o uso de instrumentos de avaliação fora adequado, levando-se em conta as necessidades específicas dos alunos;
- A avaliação da metodologia utilizada, dos procedimentos de ensino e dos conteúdos abordados;
- Identificar se a avaliação esteve associada aos interesses e objetivos e necessidades individuais dos alunos, bem como permitir uma avaliação justa e precisa de habilidades e competências.

Aspectos adicionais

Além da avaliação somativa, um Plano de Atendimento Educacional Especializado deve incluir outros aspectos importantes, como:

1. Avaliação diagnóstica: é o primeiro passo para identificar as necessidades educacionais especiais do aluno. A avaliação deve ser realizada por profissionais especializados, como psicólogos, pedagogos e fonoaudiólogos, e pode incluir testes cognitivos, observação em sala de aula e entrevistas com pais e professores.
2. Objetivos educacionais: com base nos resultados da avaliação diagnóstica, devem ser definidos objetivos educacionais específicos para o aluno, levando em consideração suas habilidades e limitações. Esses objetivos devem ser realistas e alcançáveis, e devem estar alinhados com o currí-

culo escolar.

3. Estratégias pedagógicas: o plano deve incluir estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades do aluno, de forma a garantir que ele possa acompanhar o conteúdo curricular de maneira efetiva. Essas estratégias podem incluir recursos de tecnologia assistiva, como softwares e equipamentos adaptados, bem como atividades específicas para trabalhar habilidades motoras, de linguagem ou outras áreas de dificuldade.

4. Cronograma de atividades: o plano deve incluir um cronograma de atividades a serem realizadas ao longo do ano letivo, com datas de início e término para cada uma delas. Esse cronograma deve ser flexível o suficiente para permitir ajustes caso necessário, e deve levar em consideração as datas de avaliações e eventos escolares.

5. Avaliação formativa: durante todo o processo de intervenção pedagógica, é importante realizar avaliações formativas para monitorar o progresso do aluno em relação aos objetivos educacionais definidos. Essas avaliações devem ser realizadas de forma regular e devem incluir feedbacks para o aluno e para os professores.

6. Plano de transição: ao final do ano letivo, o plano deve incluir um plano de transição para o próximo ano escolar, com orientações para os professores e equipe pedagógica sobre como continuar a trabalhar com o aluno e como adaptar o plano de atendimento educacional especializado para atender suas necessidades em novas turmas ou escolas.

De uma maneira geral, após a implantação da intervenção pedagógica, deve ser realizada uma avaliação educacional com o objetivo de avaliar a efetividade do plano de atendimento educacional especializado e verificar se houve avanços significativos no desempenho acadêmico, nas habilidades socioemocionais e na evolução do processo de aprendizagem dos alunos atendidos.

Podem ser utilizados instrumentos formais e informais de avaliação para verificar o desempenho dos alunos, com ênfase à aplicação de instru-

mentos que possam mensurar de forma objetiva o progresso dos mesmos, como testes padronizados e observações de desempenho em sala de aula.

Além disso, pode ser realizada uma avaliação qualitativa por meio de entrevistas com os alunos, seus familiares e professores, com o objetivo de identificar a percepção de cada um em relação ao processo de intervenção pedagógica e ao atendimento educacional especializado. Os resultados dessa avaliação deverão ser utilizados para aprimorar o Plano de Atendimento Educacional Especializado e garantir a continuidade do progresso dos alunos.

PROPOSTA 02: caso “Paulo”

Jorge Rosa

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caso em questão é sobre Paulo (nome fictício), um menino de 10 anos com Baixa Visão severa e Síndrome de Asperger, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental.

É integrado à turma e realiza as mesmas atividades que os demais colegas, porém com as modificações necessárias para garantir sua acessibilidade, como a leitura de textos em Braille, o uso de lupas para ampliar imagens e a utilização de materiais táteis para ajudar na compreensão de conceitos abstratos.

Paulo demonstra ter uma boa leitura e compreensão de texto, mesmo com sua Deficiência Visual (DV), além de ter habilidades para pesquisa, especialmente em assuntos relacionados à geografia e interesse especial pelo Soroban, demonstrando habilidades em cálculo matemático. Ele também mostra um interesse especial por filmes de dinossauros da Disney, demonstrando seu interesse por temas relacionados à ciência e à história.

Mesmo com a Baixa Visão severa e a Síndrome de Asperger, ele se esforça para participar das atividades escolares e está in-

tegrado à turma. Seu comportamento é oscilante, alternando momentos de agitação com momentos de introspecção total.

Paulo possui um notebook com o sistema DOSVOX e DAISY, que o ajuda a realizar as mesmas atividades da turma no laboratório de informática educativa. Porém, devido à sua Síndrome de Asperger, ele apresenta dificuldades na interação social e no desenvolvimento de amizades.

Apesar disso, Paulo tem um rendimento escolar satisfatório e está alfabetizado, embora apresente dificuldade de registrar manualmente o que aprende.

REFERÊNCIA DO CASO:

SALES, Adriana Jaqueline. Inclusão escolar de alunos com baixa visão utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Caxias do Sul, 2012. 68 p. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PLANO (PAEE)

Identificação do estudante

Nome do estudante: Paulo

Idade: 10 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Deficiência Visual e Síndrome de Asperger

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento planejado: anual

Tempo de atendimento: 2 horas por dia

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

Linguagem:

- Desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal;
- Comunicação;
- Compreensão de sinais e símbolos;
- Estimulação da expressão criativa, dentre outros.

Cognição:

- Desenvolvimento do raciocínio lógico;
- Resolução de problemas;
- Estimulação da memória;
- Desenvolvimento da criatividade.

Autonomia:

- Habilidades de cuidado pessoal;
- Lidar com situações do cotidiano;
- Uso de recursos tecnológicos;
- Promoção de independência.

Interação social:

- Estimulação de atividades em grupo;
- Trabalho em equipe;
- Promoção de amizades;

- Desenvolvimento da empatia.

Emoções:

- Reconhecimento de emoções;
- Identificação e expressão de sentimentos;
- Desenvolvimento da autoestima;
- Desenvolvimento de habilidades de resiliência.

Prioridades no trabalho pedagógico

Paulo foi encaminhado para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) devido à sua condição de Síndrome de Asperger e Deficiência Visual. O plano de atendimento terá como objetivo principal promover a inclusão do aluno e melhorar o seu desempenho acadêmico, desenvolvendo estratégias para lidar com situações adversas, melhorando a sua autoestima e autoconfiança e proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para lidar com os desafios acadêmicos e pessoais.

As prioridades incluem:

- Desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como autoestima, autoconfiança e habilidades de relacionamento interpessoal;
- Estímulo à autonomia e independência no processo de aprendizagem;
- Desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita;
- Trabalho na identificação e compreensão dos conceitos matemáticos;
- Estímulo ao desenvolvimento da oralidade e habilidades de comunicação;

Desenvolvimento de habilidades específicas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista, como a comunicação não verbal e a interação social.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

Objetivo Geral:

- Desenvolver as habilidades socioemocionais, cognitivas e de comunicação do aluno, a fim de promover sua inclusão e autonomia em diferentes contextos.

Objetivos Específicos:

- Melhoria das habilidades comunicativas de Paulo, incluindo a expressão verbal e não verbal e a compreensão por meio de TICs ou tecnologias assistivas (TA).
 - Estímulo do desenvolvimento cognitivo do aluno, por meio de atividades lúdicas e desafiadoras que promovam o raciocínio lógico e a resolução de problemas fazendo com que ele participe mais do grupo.
 - Estímulo da interação social promovendo oportunidades para que interajam com os colegas em atividades coletivas.
 - Fomento ao desenvolvimento emocional de Paulo, ajudando-o a reconhecer e lidar com suas emoções e sentimentos e inquietações.

Estratégias

- Despertar o interesse de Paulo em outras áreas do conhecimento além da Geografia, como Ciência e História;
- Adequações e adaptações de materiais;
- Proporcionar atividades em grupo para desenvolver habilidades sociais, cognitivas e emocionais;
- Criar situações de aprendizagem que envolvam interação social e promovam a participação e colaboração do aluno, tais como jogos cooperativos, debates, discussões em grupo, entre outras.

Recursos, materiais, equipamentos

Recursos: livros em Braille, complementados com gravações de livros, palestras e aulas; tecnologias assistivas; jogos e materiais sensoriais.

Materiais: Papel sulfite; canetas e lápis táteis; mapas e gráficos em relevo.

Equipamentos: impressora Braille; máquina de escrever Braille; lupa eletrônica; leitor de tela.

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

A avaliação será realizada continuamente ao longo do período letivo, a fim de verificar o progresso do aluno e ajustar o plano de atendimento, conforme necessário, evitando-se uma avaliação unilateral e quantitativa do mesmo.

Ao término do período letivo, haverá uma avaliação final com o objetivo de verificar o avanço do aluno e avaliar a eficácia das estratégias e recursos utilizados no atendimento. Essa análise tem como finalidade promover melhorias no processo educacional, garantindo um atendimento cada vez mais qualificado e adequado às necessidades individuais do aluno.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

Após a implantação da intervenção pedagógica, será realizada uma avaliação educacional com o objetivo de avaliar a efetividade do Plano de Atendimento Educacional Especializado e verificar se houve avanços significativos no desempenho acadêmico, nas habilidades socioemocionais e na evolução do processo de aprendizagem do aluno atendido.

Serão utilizados instrumentos formais e informais de avaliação para

verificar o desempenho dele. Será dada ênfase à aplicação de instrumentos que possam mensurar, de forma objetiva, o progresso do aluno, como testes padronizados e observações de desempenho em sala de aula.

Além disso, será realizada uma avaliação qualitativa por meio de entrevistas com o aluno, seus familiares e professores, com o objetivo de identificar a percepção de cada um em relação ao processo de intervenção pedagógica e ao Atendimento Educacional Especializado.

Os resultados dessa avaliação serão utilizados para aprimorar o PAEE e garantir a continuidade do progresso do aluno.

PROPOSTA 03: caso “D.I.A.”

Elizandra Mendes Mathias Costa

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caso se refere a uma jovem com Deficiência Intelectual (DI), identificada por D.I.A., de 17 anos, muito tímida, que só acentava com a cabeça “sim ou não”. Tem muito apego à bonecas. É criada só pela mãe, pois o pai a abandonou assim que soube das limitações da filha. Faz aulas de balé e natação por orientação profissional.

Apresenta maior dificuldade motora na mão esquerda, encurtamento dos membros superiores, dificuldade em abrir a mão esquerda e prejuízo motor no membro superior e inferior esquerdo, apresentando em alguns momentos dificuldades motoras nos dois membros superiores.

No início, D.I.A não sabia desenhar, mas conseguia fazer garatujas desordenadas, tinha traços sem representação de desenhos. Não conseguia distinguir as cores; não reconhecia vogais nem consoantes.

Existe bem pouca interação da aluna em questão com o professor e demais colegas. A letra “E” era a única letra que D.I.A reconhecia, já que é a primeira do nome da sua mãe, o que mostra que relações afetivas são muito importantes para a aluna.

REFERÊNCIA DO CASO:

LIMA, Shirley Serra Washington da Costa; AQUINO, Kátia Aparecida da Silva. A aprendizagem e a deficiência intelectual: um estudo de caso. In: V CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 2018, Recife. Experiências educadoras: sujeitos, formações e práticas.

PLANO (PAEE)

Identificação do estudante

Nome do estudante: D.I.A

Idade: 17 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Deficiência Intelectual

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento planejado: 6 meses

Tempo de atendimento (em horas ou minutos): 1 hora por dia

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

- Coordenação motora ampla e fina.
- Escuta de histórias, tendo o professor como locutor para estimular a intenção de comunicação/expressão com clareza de ideias.
 - Escrita do nome e sobrenome.
 - Identificação das letras do alfabeto.
 - Socialização.
 - Realização de atividades de vida diária.

Prioridades no trabalho pedagógico

Coordenação motora; socialização; escrita do nome próprio; reconhecimento das letras do alfabeto, higiene pessoal, cuidar de si e de seus pertences.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

- Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
- Desenvolver a imaginação, a criatividade ao mesmo tempo que se apropria de noções da linguagem e da escrita.
- Exercitar a escrita do nome e sobrenome percebendo sua utilidade no aspecto social de identificação pessoal.
- Reconhecer as letras do alfabeto.
- Aprender hábitos de higiene pessoal e cuidados com seus pertences.

Estratégias

- Por meio de contos e histórias, com o uso de materiais concretos como, fantoches e encenações de teatro, estimular sua criatividade e fala, incentivar que recontar as histórias contadas pelo professor. Com o uso de imagens e/ou com desenhos feitos pela aluna, das histórias contadas, estimular que organize a sequência da história na ordem que os fatos aconteceram. Ex: Início, meio e fim de um conto curto e simples.
- Estimular a participação em atividades orais durante as sessões no AEE e também no ambiente escolar. Ex: realizar questionamentos sobre as histórias contadas, estimulando a oralidade e a imaginação, organizar a sequência dos acontecimentos através de imagens.
- Orientar a professora do ensino regular que sempre questione sobre as situações de sala, incentivando sua fala, pedindo que vá até a secretaria pedir algum objeto ou dar um recado simples, sempre com alguém ao seu lado, um colega de sala que ela tenha mais afinidade.
- Com o uso do alfabeto móvel, organizar as letras na sequência do alfabeto, associar as letras do alfabeto com imagens que iniciam com cada letra. Ex: letra “A” associar com a imagem de um cantor ou personagem de

novela que ela goste ou com comidas que ela aprecie, nome dos colegas de sala, enfim, associar as letras do alfabeto com imagens que façam parte do seu cotidiano. EX: “A” de amigo, “B” de banheiro, “C” de cozinha, etc.

- Circuito motor para desenvolver a coordenação motora ampla.

Ex: caminhar sobre o traçado das letras desenhadas no chão.

- Aproveitando o interesse que a aluna tem pelas bonecas, ensinar que, por exemplo, após a boneca ir ao banheiro e antes das refeições, ela deve lavar as mãos; como deve ser sua higiene pessoal, uso do absorvente, etc.

Recursos, materiais, equipamentos

Livros de histórias, ebook, fantoches, cenários, roupas de personagens, alfabeto móvel, jogos de encaixe, prancha de comunicação alternativa na qual ele pode visualizar a imagem e ouvir a pronúncia do nome da imagem.

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

A avaliação será realizada em três etapas: primeiro será feita uma avaliação inicial para diagnosticar as dificuldades e as potencialidades da aluna. Avaliação processual, que será realizada durante todo o processo através de relatórios diários da evolução da aluna, identificando avanços e dificuldades, para que seja possível evoluir em suas atividades ou adaptar as que forem necessárias. Na avaliação final, será realizado um comparativo com a avaliação inicial, sendo possível identificar os avanços. Todas as avaliações serão registradas através de relatórios, atividades realizadas pela aluna, fotografias e filmagens das atividades.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

Ao final de cada atendimento será feito um relatório das atividades que a aluna fez no dia, bem como, registros através de fotos e filmagens. Se D.I.A conseguir realizar as tarefas propostas, será considerado como “um bom desempenho” e, caso não consiga, outros recursos deverão ser usados para que se alcance os objetivos propostos no próximo atendimento, repetindo, porém, a mesma atividade.

Ao final dos 6 meses de atendimento, será feita uma avaliação final, comparando com os resultados da primeira avaliação, podendo, dessa forma, sinalizar sua evolução.

PROPOSTA 04: caso “SOL”

Rúbia Silva Santos

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caso refere-se a Sol (nome fictício) que tem 9 anos, é do sexo feminino e está no terceiro ano.

Sol tem Deficiência Intelectual, com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Mostra-se muito tímida, retraída, com dificuldade de socialização e concentração nas atividades. Por vezes, chora sem motivo aparente e fala sozinha, além de apresentar uma fala infantilizada. Também demonstra não ter facilidade em obedecer a regras e normas, além de ficar irritada ao ser contrariada.

Faz uso de Gardenal (fenobarbital), o que pode provocar alguns efeitos colaterais como: sonolência, dificuldade para acordar e, às vezes, dificuldade para falar, problemas de coordenação motora e de equilíbrio, vertigem com cefaléia, reações alérgicas de pele, dores articulares, alterações de humor, anemia e raquitismo, refletindo, diretamente, na sua participação na escola e em outras atividades do dia-a-dia.

O traçado do Eletroencefalograma constatou que Sol apresenta ausências repetidas, várias vezes ao dia, que permanecem por alguns segundos.

Em relação a sua participação na escola, apesar de ser uma estudante assídua e demonstrar gostar da escola, parece não conseguir realizar todas as atividades propostas em sala de aula nem participar ativamente das mesmas, se recusando a fazê-las e utilizando o choro como fuga, tendo, em vários momentos, atitudes consideradas antissociais. Não demonstra interesse em receber ajuda para auxiliar em sua aprendizagem, apesar de ter uma boa relação com suas professoras. Apesar disso, é capaz de fazer desenhos, pinturas - atividades em que apresenta maior interesse- e cópias. Escreve seu primeiro nome de memória. Distingue letras de numerais, distingue texto ou palavra de imagem.

Em relação ao seu aprendizado, este sempre ocorreu dentro de um ritmo próprio e mais lento. Sol ainda desconhece as cores, formas, números e muitas letras do alfabeto. Para se expressar, utiliza o choro ou apenas frases curtas.

Apresenta dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem e ao raciocínio, sendo as atividades que envolvem a leitura e escrita as mais desafiadoras, justamente por não dominá-las, como a realização de interpretações. É possível perceber ainda, dificuldades em transmitir um recado,

bem como em se concentrar na tarefa, permanecendo um curto espaço de tempo interessada pelas atividades e raramente cumpre o que lhe é solicitado. Sua memória parece ser comprometida, já que, cotidianamente, tende a esquecer informações mais depressa que outras crianças da mesma faixa etária e apresenta grande dificuldade na resolução de problemas cotidianos.

Além disso, sua compreensão acontece com maior facilidade em atividades de linguagem escrita utilizando imagens.

Quando entra em contato com novas situações, Sol procura fugir dizendo que não sabe. Há também a problemática das suas relações familiares, que não identificam habilidades na criança, a tratando como incapaz de realizar atividades e demonstrando pouca tolerância em relação aos seus comportamentos ou tentativas. Diante desses agravantes, a criança apresenta dificuldades em criar algo novo, repetindo conhecimentos adquiridos anteriormente, utilizando esquemas de pensamento empobrecidos, demonstrando falta de envolvimento com o objeto de aprendizagem e, conseqüentemente, com o conhecimento e com quem o transmite.

Suas potencialidades estão relacionadas ao interesse pelas Artes, realizando com facilidade e prazer, desenhos e pinturas.

REFERÊNCIA DO CASO:

DA SILVA SOUZA, Cássia de Fátima; DE CARVALHO, Néclea Dantas. A inclusão do aluno com deficiência intelectual: caso Sol. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL, 2012, São Cristovão. Educação e Contemporaneidade.

PLANO (PAEE)

Identificação do estudante

Nome do estudante: SOL

Idade: 9 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Deficiência Intelectual

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento: semestral

Tempo de atendimento: 1 hora por dia de atendimento

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

Habilidades a serem desenvolvidas:

- Cognitivas: relacionadas à percepção/ organização do pensamento/ atenção/ concentração/ memória;
- Sociais: visando desenvolver a aproximação da aluna com o outro, cooperação, aceitação pelo grupo /diálogo/ iniciativa, posicionamento no grupo/ relação com professores e funcionários/ relação com família;
- Afetivas e emocionais: relacionadas à timidez, iniciativa, colaboração, isolamento, resistência a frustração, autoestima, relação com as regras e convenções socialmente estabelecidas (regras e rotinas);
- Linguagem: focalizando sua intenção de comunicação/expressão com clareza de ideias (expressão corporal, facial, Tecnologia Assistiva) /movimento com a cabeça/ exploração das pranchas de comunicação, uma

alternativa para incentivar a aluna e facilitar o processo de comunicação.

Conteúdos: letras e números; cores; formas; contextualização com características da sua realidade.

Prioridades no trabalho pedagógico

Prioriza-se seu desenvolvimento cognitivo, já que este não corresponde à idade cronológica (tem 09 anos, não consegue transmitir recados, troca letras, fala infantilizada, nível pré-silábico). Além disso, identificou-se dificuldade na socialização e há uma falta de domínio da linguagem escrita (dificuldade nas atividades de leitura e escrita), caracterizando-se um déficit cognitivo.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

Espera-se que a estudante desenvolva suas habilidades cognitivas, de linguagem, sócio-emocionais e afetivas. Além disso, desenvolva sua autoconfiança, se comunicando por meio de diferentes tipos de expressão, superando sua dificuldade na atenção e concentração.

Objetivos e conteúdos para o semestre:

- reconhecer cores, formas, números (até o 10) e todas as letras do alfabeto;
- organizar seu pensamento;
- aumentar sua atenção e concentração na atividade que está realizando;
- desenvolver uma melhor aproximação com seus parceiros, por meio de atividades cooperativas;
- alcançar uma melhor comunicação de suas ideias e vontades.

Estratégias

- Leitura e escrita: representação das letras e número por meio

de atividades artísticas, atividades com imagens, utilização do alfabeto móvel, construção de palavras a partir de sequências de fatos, apresentação e contextualização de histórias sociais, diferentes jogos pedagógicos relacionados a letras, números e situação em que a aluna possa explorar suas imagens;

- Desenvolvimento sócio-afetivo: trabalhar com jogo simbólico e de cooperação, realizar atividades em grupo, utilizar diferentes recursos artísticos, pintura coletiva, fantoches, modelagem com diferentes materiais;

- Desenvolvimento da Linguagem: trabalhar com dramatizações, teatro, músicas, leitura de imagens, diferentes jogos que trabalhem com a expressão verbal e não-verbal, contação de história; artes (pintura, modelagem, colagem etc); trabalho com utilização de softwares e outros recursos tecnológicos; criar personagens, criar seu próprio boneco. Organizar situações em que Sol seja estimulada, motivada e provocada a se expressar oralmente através de descrições de imagens, fotos, recontos orais e relatos de experiências, relatos orais, registro oral de passeios, visitas, atividades de dramatização e brincadeiras livres que permita à aluna exercitar sua capacidade criativa e de expressão verbal.

Recursos, materiais, equipamentos

- Materiais concretos para alfabetização pedagógica, como alfabeto móvel e números;

- Materiais para encenação de peças teatrais, como máscaras, fantasias, fantoches e tecidos;

- Materiais artísticos, como tintas, pincéis, giz de cera, lápis de cor, glitter e colas coloridas;

- Recursos tecnológicos, como computador e tablet, suporte para oferecer aplicativos de comunicação alternativa;

- Jogos pedagógicos;

- Livros infantis.

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

Para melhor acompanhamento da aprendizagem de Sol ao longo do semestre, é importante que seja utilizado um diário de acompanhamento individual, com base nas observações sistemáticas diárias e experiências vivenciadas, para anotações de avanços e possíveis dificuldades encontradas, possibilitando replanejamento ou reorganização de propostas. Aliado a essa estratégia, o portfólio de atividades da aluna também será um importante instrumento de avaliação, tanto para avaliar o seu desenvolvimento na sala de aula, quanto no SAEE.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

Para alcançar os objetivos traçados, será necessário vincular o registro por meio do portfólio e do diário ao desenvolvimento das competências de Sol. Para isso, essas ferramentas precisarão ser atualizadas a cada nova atividade realizada, visando representar o pensamento, sentimento, a maneira de agir e interpretar, as competências e habilidades da aluna quando está em contato com novos estímulos. Assim, esses documentos auxiliarão no aprimoramento da prática pedagógica, indicando características imprescindíveis no dia-a-dia escolar.

Aliada a essas ferramentas, será utilizada uma ficha de avaliação associada aos objetivos traçados e avaliação do processo para refletir sobre a prática pedagógica, para que, se necessário, possam ser revistas as ações, planejamentos, avanços e retrocessos de forma adequada, com base nas características da aluna, possibilitando ajustes necessários.

PROPOSTA 05: caso “A”

Silmara Gomes Vieira

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Esse caso descreve a situação de uma criança do sexo feminino, com dez anos de idade, aluna do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. A referida aluna apresenta dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita devido a presença de perda auditiva mista de grau leve no ouvido direito e perda auditiva sensorineural também leve no ouvido esquerdo, de acordo com laudo fonoaudiológico e avaliação audiométrica.

Além disso, também é possível perceber trocas nas letras ao pronunciar palavras, omissão de letras e sílabas na escrita e na leitura, falta de atenção e concentração.

De acordo com avaliação psicopedagógica realizada, a aluna escreve de forma devagar, realiza trocas nas letras F, V, J, G, C e S, além de trocas no som das letras com encontros consonantais, a exemplo do FLA, FRA por PLA, PRA. Também apresenta dificuldades com fonemas semelhantes, sons iguais e escrita diferente contendo S, Ç, F, V, X, Z, ãO, AM

Na Matemática, a criança em questão

apresenta dificuldades na subtração, multiplicação e divisão com mais de um número e deixa algumas respostas em branco por não conseguir responder. Em relação à leitura, apresentou dificuldades ao ler palavras maiores, desconhecidas e pseudopalavras, apresentando também, dificuldades na compreensão de textos.

Ainda de acordo com avaliação psicopedagógica, a aluna encontra-se no estágio de desenvolvimento logográfico (quando ainda não compreende totalmente a correspondência entre as letras e suas combinações) e alfabético (momento em que a escrita está mais ligada ao som e a identificação dos fonemas está mais ligada aos grafemas). E, de acordo com a análise referente às provas operatórias de Piaget, a criança encontra-se no nível cognitivo operatório concreto não havendo defasagem com relação a idade cronológica.

REFERÊNCIA DO CASO:

SOUSA, Linalva Marinho de. Deficiência auditiva e seus reflexos nos processos de aprendizagem: um estudo de caso. João Pessoa, 2017. 26 p. Monografia (Graduação em Psicopedagogia) Campus I - Centro de educação da Universidade Federal da Paraíba.

PLANO DO AEE

Identificação do estudante

Nome do estudante: A

Idade: 10 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Deficiência Auditiva

Organização do atendimento

Frequência semanal: 1 vez por semana

Duração do atendimento planejado: 6 meses

Tempo de atendimento (em horas ou minutos): 1 hora por dia de atendimento

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

Conteúdos:

- Ensino de Libras;
- Leitura oralizada de frases, orações, tirinhas e pequenos textos;
- Interpretação de texto;
- Utilizar vídeos, desenhos, filmes, músicas e clipes musicais para audição, interpretação, diálogo, ensino de alguns sinais em Libras.
- Ensino para discriminação sonora das letras S, Ç, F, V, X, Z, ãO, AM
- Ensino para discriminação sonora e escrita das letras F, V, J, G, C e S nas diferentes palavras.
- Ensino para entendimento das ideias da subtração com dois algarismos (dezenas e unidades);
- Ensino para compreensão da ideia da multiplicação e divisão com dois algarismos.

Habilidades:

- Comunicação de palavras-chave, ações e expressões em Libras;
- Avanços na comunicação verbal e na interpretação de textos,

fatos e situações apresentadas;

- Avanços na escrita e pronúncia das palavras;
- Compreensão dos processos para realizar operações de subtração, multiplicação e divisão com dois algarismos.

Prioridades no trabalho pedagógico

Promover planejamento e estratégias de ensino que desenvolvam a leitura, a escrita, a interpretação de palavras e informações, a pronúncia das palavras, a comunicação, bem como compreender os processos que envolvem as ideias e os cálculos da subtração, multiplicação e divisão.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

O plano de intervenção pedagógica na sala de AEE, de caráter flexível, busca planejar ações que desenvolvam a percepção e discriminação auditiva da aluna, o foco, a atenção e a organização de pensamentos e ideias, a compreensão de cálculos e situações que envolvem a subtração, a multiplicação e a divisão, além de favorecer as relações intra e interpessoal da aluna, bem como beneficiar sua autonomia, independência, formas de comunicação e expressão nas relações sociais e nos diferentes espaços, respeitando suas individualidades e especificidades.

Objetivos específicos:

- Iniciar o ensino da Libras de palavras-chave, algumas ações e expressões durante os atendimentos na sala de recursos multifuncionais (Exemplo: Boa tarde! – banheiro – oi – caderno – descansar – ir embora, entre outros);
- Avançar a pronúncia e o entendimento de fonemas, sílabas e palavras de acordo com as dificuldades específicas da aluna;
- Trabalhar leitura e compreensão de palavras associadas ao uso de imagens;

- Trabalhar leitura de pequenos textos, como tirinhas, partes de músicas e textos respeitando o nível de conhecimento da aluna, seus interesses e gostos;
- Dialogar com o objetivo de saber o que a aluna entendeu sobre o texto lido, música tocada ou vídeo assistido;
- Comunicar, em Libras, partes de uma história ou situação;
- Apresentar e exemplificar as ideias que envolvem a subtração, a multiplicação e a divisão em momentos diferentes de ensino;
- Realizar atividades práticas, com uso de material concreto, para compreender a subtração, a multiplicação e a divisão em diferentes etapas do ensino.

Estratégias

Cada encontro com a aluna na sala de recursos multifuncionais contará com atividades práticas e lúdicas, com o uso de ferramentas como computador, celular e aplicativos, bem como com o uso de recursos educativos, materiais adaptados e concretos, a fim de significar o aprendizado. Os materiais e recursos serão utilizados e produzidos de acordo com os objetivos de ensino planejados para cada encontro na sala de AEE. Ao final de cada encontro, solicitar que a aluna faça um resumo, sinalizando em Libras o que já sabe.

Recursos, materiais, equipamentos

- Uso de computador e celular para ouvir música, assistir vídeos e filmes curtos, bem como para acessar aplicativos como o Hand Talk, por exemplo, e outros com objetivo educativo pedagógico;
- Uso de materiais concretos e recursos visuais sinalizados em Libras;
- Uso de cartas e fichas para identificação, reconhecimento e nomeação de letras, fonemas, sílabas, palavras e figuras;

- Uso de recursos educativos para formação e leitura de palavras e frases;
- Uso de fichas plastificadas com imagens variadas para trabalhar narrativas;
- Uso de livros, cartas e fichas para criação e desenvolvimento de histórias simples com início, meio e fim;
- Uso de recursos para desenvolver compreensão e interpretação de situações e histórias apresentadas através da análise de imagens, cenas ou expressões;
- Uso de materiais concretos como ábaco, material dourado, fichas escalonadas, prancha plastificada do Quadro Valor de Lugar e demais recursos educativos que serão planejados e criados para auxiliar no ensino e na compreensão dos cálculos matemáticos: subtração, multiplicação e divisão.

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

A avaliação será processual e contínua, considerando as observações realizadas em cada encontro com a aluna, o desempenho nas atividades e ações propostas, bem como seu empenho e interesse. Também serão avaliados os processos evolutivos em relação ao desenvolvimento e aprendizado da aluna.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

A proposta de avaliação será a avaliação diagnóstica com objetivo de verificar as dificuldades a serem superadas e identificar aquelas que já foram vencidas pela aluna depois do plano de ação. A avaliação deverá ser realiza-

da no início do atendimento na sala de AEE e ao final do semestre.

Aspectos adicionais

É extremamente importante que a aluna faça uso de aparelho auditivo, tenha professor(a) de Libras na sala de aula regular, que tenha atendimento educacional especializado bilíngue, que na sala de aula e nos diferentes espaços da escola tenham pistas visuais sinalizadas para aprendizado comum coletivo acessível e inclusivo.

Aspectos a serem considerados em relação ao desenvolvimento integral da aluna:

- Acompanhamento com fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo. Participação da família e da aluna em aulas de Libras.
- Conversas, diálogos e reuniões com a família, especialistas que acompanham a aluna, professores e equipe pedagógica da escola, bem como com profissionais que supervisionam e orientam o trabalho realizado pelo professor do AEE.

PROPOSTA 06: caso “Menino X”

Luciano Arcanjo de Melo

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caso presente retrata o Menino X, 10 anos de idade e cursando o 8º ano de uma escola particular.

Gestação tranquila e planejada pelos pais, sem nenhuma intercorrência. Nascimento por parto normal, de 38 semanas. Caminhou com 12 meses e 1 semana. Falou com 20 meses, e com pouco tempo, já se expressava de maneira exemplar, com algumas dificuldades na pronúncia de palavras com “r”.

Aos quatro anos ingressou na Educação Infantil, em rede pública estadual. Durante o 4º ano também cursou o 6º, sendo posteriormente progredido definitivamente para este.

Começou a ler com quatro anos e, nesta época, já procurava palavras nas revistas e perguntava o significado. Não por menos, foi aceito no 2º ano com 5 anos e meio, pois já sabia ler e escrever.

Um acompanhamento psicológico, bem como a aplicação do teste de inteligência Wisc, confirmaram que o Menino X tinha Altas Habilidades/ Superdotação.

Em termos de habilidades sociais, o Menino X já demonstrava um padrão atípico

desde pequeno. Na primeira infância, não ria muito, falava pouco, não brincava e não fixava seu olhar nos pais. Era uma criança distante, ficava observando o ambiente e os brinquedos. Por apresentar tais características, a mãe chegou a desconfiar que ele tivesse Autismo.

Na visão da mãe, o Menino X sente-se incluído no ambiente escolar, uma vez que este lhe proporciona condições de buscar o saber, através da biblioteca e de recursos tecnológicos.

Por iniciativa própria, o Menino X estuda Teologia na igreja em que a família congrega. Na escola, participa da escrita quinzenal de um jornal.

Também participa de oficinas semanais, para estudantes com AH/SD, em um projeto universitário. O objetivo é desenvolver seu potencial criador, abordando temas de interesse, como a Matemática.

Permaneceu afastado da psicóloga por um longo período, mas sentiu necessidade de atendimento, pois precisa resolver os seus problemas de interação com os colegas e questões relacionadas à sua sexualidade.

Também segue buscando se integrar em eventos que tratam de seus interesses particulares, como feiras científicas e novas descobertas relacionadas à área da Física e Matemática.

REFERÊNCIA DO CASO:

GICK, Andréa Rott. Altas habilidades/superdotação: Um estudo de caso. Uruguaiana, 2008. 109 p. Monografia (Graduação em Pedagogia- Habilitação em Séries Iniciais. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PLANO (PAEE)

Identificação do estudante

Nome do estudante: Menino “X”

Idade: 10 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Altas Habilidades/Superdotação

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento: anual

Tempo de atendimento (em horas ou minutos): 50min/dia de atendimento, totalizando 1h40min/semana.

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

O Menino X, obviamente, é diferente dos alunos da sua sala de aula. Portanto, cabe aos professores reconhecerem e trabalharem essas diferenças de forma positiva junto à turma.

Após avaliação, ficou claro que, em termos de conteúdo curricular, o Menino X possui poucas necessidades de recomposição de aprendizagem. Apesar de ter apenas 10 anos e já estar cursando o 8º ano, ele consegue acompanhar de forma adequada o conteúdo apresentado em sala pelos professores e desenvolver de forma satisfatória as atividades propostas.

Entretanto, devido à progressão do ano escolar, ele apresenta dificuldades em Língua Portuguesa, principalmente na escrita, motricidade e caligrafia. O avanço de etapas acabou por não oferecer tempo suficiente para o

amadurecimento: por vezes, ele escreve coisas que nem mesmo ele sabe o que escreveu. Faz-se necessário desenvolver a parte lúdica, o traçado das letras, a organização espacial da escrita, a posição do corpo no espaço.

Portanto, em termos de conteúdos a serem trabalhados em Sala de Recursos, o momento atual do Menino X exige equilíbrio e estimulação. Se ora devem ser apresentados desafios e enriquecidos os conteúdos que estão com aprendizado além dos colegas de turma, ora devem ser recompostos os conteúdos que estão em defasagem.

Portanto, em termos curriculares de Língua Portuguesa, propõe-se conciliar o interesse do aluno pela escrita do jornal para trabalhar conteúdos como:

- a) Caracterização do campo jornalístico e relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital;
- b) Texto jornalístico e relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital;
- c) Planejamento e produção de entrevistas orais;
- d) Estratégias e procedimentos de leitura em textos legais e normativos.

Lado outro, o Menino X deve ser estimulado a desenvolver atividades de coordenação motora grossa e fina, bem como ofertar formas de aprimorar a organização espacial da escrita e a posição do corpo no espaço.

Em termos de competências socioemocionais, faz-se necessário incluir no processo de ensino e aprendizagem do Menino X, formas de desenvolver sua capacidade para:

- a) Empatia: “se colocar no lugar do outro”, saber como o outro se sente para poder ajudá-lo de alguma forma, nem que seja somente ouvindo;
- b) Autoestima: diretamente relacionado ao empoderamento da condição diferencial e autoconhecimento, identificando seus pontos fortes e fracos; aceitando suas imperfeições e trabalhando a auto aceitação; reforçando suas qualidades;

c) Comunicação: saber conversar com as pessoas, resolver problemas em grupo e manter um ambiente mais agradável.

Prioridades no trabalho pedagógico

- Saciar o interesse do Menino X por novos aprendizados e por desafios de conhecimento;
- Recompôr aprendizagens deficitárias em Língua Portuguesa, em coordenação motora fina e em posicionamento corpo-espaco, haja vista a imaturidade própria da idade e o gargalo advindo da progressão dos anos escolares;
- Permitir ao Menino X, o desenvolvimento de habilidades sociais e competências socioemocionais que favoreçam sua maior interação em sala de aula, potencializando sua capacidade de aprender, mas também oportunizando a capacidade de vivenciar experiências adequadas para sua faixa etária.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

- Cognição, raciocínio lógico matemático e leitura/escrita: fornecer ao Menino X um currículo mais desafiador e acelerado, projetado para atender às suas necessidades e habilidades, mas sem esquecer de recompôr aprendizagens deficitárias em Língua Portuguesa, principalmente com relação à organização do pensamento durante o processo de escrita;
 - Interação com o grupo: possibilitar o desenvolvimento de habilidades sociais e competências socioemocionais, com foco na interação social e no diálogo com seus pares, com os professores e com o restante do corpo de funcionários da escola;
 - Linguagem oral/comunicação: desenvolver a habilidade do Menino X de expressar ideias e sentimentos de forma clara e objetiva;
 - Habilidades motoras/psicomotoras e relação espaço-temporal:

recompor aprendizagens não adquiridas no período adequado, haja vista a progressão dos anos e os desafios prioritários enfrentados no início do Ensino Fundamental: foco na coordenação motora fina, na caligrafia, na organização da escrita e em habilidades de movimentos com o corpo, equilíbrios estático e dinâmico, controle mental das ações motoras, lateralidade e domínio de esquema corporal.

- Relação à afetividade: aprimorar a capacidade de seguir regras e convenções socialmente estabelecidas (regras e rotinas).
- Por fim, devem ser priorizados no PAEE conteúdos que sejam de interesse do Menino X, que tragam desafios e que estimulem a participação ativa, com envolvimento e prazer de participar do ambiente escolar.

Estratégias

- Currículo acelerado ou enriquecido: fornecer ao Menino X um currículo mais desafiador e acelerado, projetado para atender às suas necessidades e habilidades. O conteúdo curricular, mais avançado para o estágio de desenvolvimento do aluno, consegue atender de forma mais efetiva suas necessidades, proporcionando desafios.
 - Programas para AH/SD: oficinas projetadas especificamente para alunos AH/SD, que buscam fornecer a eles uma experiência educacional desafiadora e estimulante;
 - Programas de Mentoria: emparelhar o Menino X com mentores que possuem experiência em sua área de interesse, possibilitando ao aluno receber orientação e apoio na busca pelo seu pleno potencial;
 - Atividades de enriquecimento: projetadas para oportunizar ao Menino X, formas de explorar seus interesses e desenvolver suas habilidades. Exemplos típicos de enriquecimento são as Feiras de Ciências, equipes de debate, clubes de Matemática ou Xadrez;
 - Programas de estudo independentes: permitem ao Menino X,

trabalhar de forma independente em projetos adaptados aos seus interesses e habilidades;

- Recursos online: cursos online, fóruns de discussão e jogos e aplicativos educacionais.

Recursos, materiais, equipamentos

- Biblioteca física (livros físicos) e biblioteca virtual (livros digitais);
- Jogos matemáticos físicos ou virtuais;
- Material pedagógico dos anos finais do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio, principalmente de Matemática

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

Todo o processo de implementação do plano de intervenção pedagógica deve estar delineado pelo diagnóstico inicial e evidências trazidas dos demais atores do processo de ensino e aprendizagem. Os avanços percebidos no processo contínuo de avaliação devem ser validados pela família, escola regular e outros integrantes da equipe multidisciplinar que ancoram o desenvolvimento do estudante.

Eventualmente, faz-se necessário um diálogo conjunto de todos os envolvidos no planejamento para firmarem ou alterarem estratégias ou direções.

É de extrema importância a observação constante da motivação do Menino X. Este tópico funciona como pilar vital de todo o processo. Conforme determinado pela literatura científica, um aluno motivado se torna terreno fértil para o aprendizado, enquanto que o contrário pode estagnar o processo evolutivo comportamental, psicológico e acadêmico.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

Após a implementação das intervenções, as avaliações se tornam indispensáveis e devem validar as etapas, passo a passo. Ou seja, mesmo após definida a intervenção, as próximas ações deverão ser reavaliadas, dependendo dos resultados obtidos.

O contato multidisciplinar continua sendo essencial para análises e a tempestade de informações advindas de todos os ambientes (escolas, família, AEE, psicólogo etc) contribuem para uma visão integral do processo de desenvolvimento do Menino X.

Aspectos adicionais

Apesar de ser o norte do acompanhamento psicológico, a análise do comportamento também é muito importante no âmbito educacional. Os professores, regentes de sala, apoio ou os da sala de recursos multifuncionais, devem ir além da análise intelectual cognitiva e observarem os comportamentos atípicos que podem sustentar avanços diagnósticos importantes do Menino X.

Um exemplo disso, são os diagnósticos tardios de Autismo, que são confirmados após outros membros da família serem diagnosticados, ou após uma saga contínua aos serviços de saúde mental, por incompreensão do quadro sintomático. A escola, enquanto “laboratório exemplar de análise”, por ter crianças e adolescentes na mesma idade e que recebem intervenção similar, deve ser um farol, enquanto que o olhar do profissional da Educação esteja atento e preparado para enxergar além do usual. Uma vez aventado pela família, não se pode perder de vista os possíveis sinais de um diagnóstico mais amplo de Autismo nível 1.

PROPOSTA 07: caso “Vinny”

Sheila Silva de Carvalho Gonçalves

O CASO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caso em questão é de um menino, Vinny, identificado como “precoce” por sua professora da Educação Infantil. Ele saltou dois anos letivos e cursa o primeiro ano do Ensino Fundamental.

Para verificar se Vinny apresenta Altas Habilidade/ Superdotação (AH/SD), inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico envolvendo livros, artigos, teses e dissertações, que resultou em uma lista com 109 características apontadas na literatura científica, além da aplicação de testes e escalas para avaliação das habilidades cognitivas, socioafetivas e comportamentais. Foram constatadas então, 61 características de AH/SD, sendo 28 delas classificadas como Características Gerais de AH/SD, 10 como de Pensamento Criativo e 23 enquanto Características de Aprendizagem.

Os resultados apontaram que o aluno apresenta um alto desempenho cognitivo em diversas áreas, como linguagem, memória e raciocínio lógico. Ele também apresenta características socioafetivas distintas, como a facilidade em se relacionar com adultos e

a preferência por atividades intelectuais em detrimento às atividades físicas. Quanto ao comportamento, ele demonstra ser disciplinado e organizado, além de possuir um grande interesse em aprender.

REFERÊNCIA DO CASO:

MARTINS, Bárbara Amaral; CHACON, Miguel Claudio Moriel. Características de altas habilidades/superdotação em aluno precoce: um estudo de caso. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 22, n. 2, p. 189-202, Abr-Jun, 2016.

PLANO DO AEE

Identificação do estudante

Nome do estudante: Vinny

Idade: 6 anos

Levantamento de necessidades

Estudante com Altas Habilidades/Superdotação

Organização do atendimento

Frequência semanal: 2 vezes por semana

Duração do atendimento planejado: 6 meses

Tempo de atendimento (em horas ou minutos): 1 hora por dia de atendimento

Conteúdos a serem trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a)

Habilidades de escrita, leitura e interpretação mais avançadas, com foco na produção textual e análise literária. Explorar sua imaginação e criatividade por meio de atividades como desenhos, pinturas, criação de histórias e outros.

Prioridades no trabalho pedagógico

Vinny possui grande criatividade e imaginação, além da precocidade em leitura e escrita. Priorizar atividades que estimulem a produção de histórias escritas, narradas e/ou desenhadas. Musicalização e dramatização.

Objetivos do Plano de Intervenção Pedagógica

- Desafiar a criança a ler e escrever em níveis mais avançados, ampliando seu vocabulário e melhorando sua compreensão da gramática.
- Estimular o pensamento criativo da criança por meio de atividades que a incentivam a pensar “fora da caixa”, a explorar ideias novas e inovadoras e a se expressar de maneira original.
- Adaptar a abordagem de ensino para atender às características de aprendizagem da criança, proporcionando-lhe um ambiente de aprendizagem que estimule seu interesse e curiosidade.

Estratégias

- Atividades de leitura e escrita avançadas, como análise de textos mais complexos, escrita criativa e produção de textos em diferentes gêneros literários.
- Atividades que envolvam o uso de materiais diversos, como artes plásticas, teatro e música, bem como desafios de resolução de problemas

em grupo.

- Estratégias como a personalização do currículo, a oferta de projetos e atividades de pesquisa, o uso de jogos educativos e a realização de experimentos científicos.

Recursos, materiais, equipamentos

Livros, revistas, recursos digitais, elaboração de material autoral, material para desenho e pintura. Jogos de simulação. Atividades experimentais.

Estratégias de avaliação dos conteúdos trabalhados e das capacidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem do aluno e do plano de intervenção pedagógica

- Observar a criança em sala de aula e em outras atividades para registrar seu comportamento, sua participação, sua capacidade de se concentrar e se envolver com as atividades propostas e seu desempenho nas tarefas realizadas.
- Registrar as produções da criança, como textos escritos, desenhos, pinturas, maquetes, fotografias, entre outros, para avaliar seu processo de desenvolvimento e suas habilidades específicas.
- Criar um portfólio que pode ser utilizado como uma ferramenta para monitorar o progresso da criança e fornecer feedback contínuo.

Proposta de avaliação educacional após a implantação da intervenção pedagógica

Após a implantação da intervenção pedagógica, é importante avaliar se os objetivos estabelecidos foram alcançados e se a criança desenvolve as habilidades esperadas. Caso necessário, ajustes no plano de intervenção podem ser feitos com base nas informações coletadas durante a avaliação.

SOBRE OS AUTORES

Elizandra Mendes Mathias Costa

Possui Ensino Normal, magistério de 1º Grau- Escola Estadual Senador Levindo Coelho, Ubá-MG (1994); Técnico de Enfermagem - Centro de formação tecnológica de Minas Gerais-CTEC-MG (2012); Técnico em Gerência em Saúde - Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia (2014); Licenciatura em Pedagogia - Centro Universitário Governador Ozanan Coelho (2020); Licenciatura em Educação Especial Inclusiva- Centro Universitário Governador Ozanan Coelho (2022); Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e Inteligência Emocional - Faculdade Descomplica (2021); Pós-Graduação Lato Sensu Tecnologia Aplicada a Sala de Aula - Faculdade Descomplica (2021); Pós-Graduação Lato Sensu Educação Especial e Inclusiva com Ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla - Facuminas (2023); Pós-Graduação Lato Sensu Educação Inclusiva - Facuminas (2023); Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado - SAEE-UFJF (2023); Aperfeiçoamento Profissional Autismo, Dificuldade de Comunicação, TEA e Proposta de Intervenção - Sóeducador (2021); Aperfeiçoamento Profissional Alfabetização, Letramento e Educação Inclusiva - Sóeducador, (2021); Aperfeiçoamento Profissional Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado-AEE - Sóeducador, (2021); Aperfeiçoamento Profissional Educação Especial Inclusiva e Ensino Infantil e Fundamental - Sóeducador (2021); Aperfeiçoamento Profissional TEA, TGD, Proposta de Intervenção e Educação Especial - Sóeducador; Aperfeiçoamento Profissional Transtorno do Espectro Autista e Proposta de Intervenção - Sóeducador (2021). Atualmente é professora na Educação Infantil da Rede Municipal de Ubá-MG, já atuou como Técnica de Enfermagem no Asilo São Vicente de Paulo (2016 a 2021) e como mediadora de aluno autista na Escola SESI “José Alencar Gomes da Silva” (2019).

Jorge Rosa

Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) em 2016. Tem experiência na área de ensino de idiomas, incluindo certificados de proficiência em Inglês, como o TOEIC e o TOEFL ITP. Além

disso, possui especializações em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência, concluída em 2020 e Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado, concluída em 2023, ambas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (NGIME). Meus temas de interesse são: Audiodescrição e a cabine para Atendimento Educacional Especializado – AEE, bem como ministrar aulas e preparar atividades físicas inclusivas, tanto com deficiência quanto sem deficiência.

Luciano Arcanjo de Melo

Licenciado em Pedagogia pela IES FUNCEC (2007). Especialista em Gestão Pública pela UFOP (2013) e Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Futura (2021). Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado pela UFJF (2023), além de pós-graduando em Educação Especial e Inclusiva pela UFSuldeMinas (2023).

Rúbia Silva Santos

Atua como acompanhante Terapêutica de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. É pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela CBI of Miami. Possui curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado, pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e Especialização em Transtorno do Espectro Autista: Inclusão Escolar e Social, pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - Campus VIII. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Transtorno do Espectro Autista, Deficiência, Inclusão, Avaliação da Aprendizagem, Atendimento Educacional Especializado e Processo de ensino-aprendizagem.

Sheila Silva de Carvalho Gonçalves

Formada em Pedagogia Plena pela UFRRJ, atuando como Orientadora Pedagógica e Orientadora Educacional nos municípios de Magé - RJ e Belford Roxo - RJ. Pós-graduanda em Aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado, pela UFJF, Pós-gradu-

anda em Neuroeducação pela IFRJ. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Educação Especial, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Educação nos anos iniciais, Transtorno do Espectro Autista, Deficiência, Inclusão, Atendimento Educacional Especializado e Processo de ensino-aprendizagem.

Silmara Gomes Vieira

Graduada no curso de Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/ MG (2007), possui pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metodista Granbery (2022). Possui 15 anos de experiência como docente.





ISBN: 978-65-997903-8-6

CDL



9 786599 790386